

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E LETRAS**

**Marília de Oliveira Santos**

**LEITURAS DA ESCRAVIDÃO: um estudo comparado entre o  
“Navio Negreiro” de Castro Alves, e o “Navio Negreiro” de Slim  
Rimografia**

**Taubaté-SP**

**2019**

**Marília de Oliveira Santos**

**LEITURAS DA ESCRAVIDÃO: um estudo comparado entre o  
“Navio Negreiro” de Castro Alves, e o “Navio Negreiro” de Slim  
Rimografia**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao Departamento de  
Ciências Sociais e Letras da  
Universidade de Taubaté, como  
requisito parcial para a obtenção do  
título de licenciado em Letras.

Área de concentração: Literatura  
Comparada

Orientador: Profa. Ma.: Thaís  
Travassos

**Taubaté-SP**

**2019**

**SIBi - Sistema integrado de Bibliotecas – UNITAU**

S2371 Santos, Marília de Oliveira  
Leituras da escravidão: um estudo comparado entre o “O Navio Negroiro” de Castro Alves, e “O Navio Negroiro” de Slim Rimografia / Marília de Oliveira Santos. -- 2019.  
81 f.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,  
Departamento de Ciências Sociais e Letras, 2019.  
Orientação: Profa. Ma. Thais Travassos, Departamento de  
Ciências Sociais e Letras.

1. Literatura comparada. 2. Navio Negroiro. 3. Racismo estrutural. 4. Castro Alves. 5. Slim Rimografia I.Título

CDD – 809

SANTOS, MARÍLIA DE OLIVEIRA. **LEITURA DA ESCRAVIDÃO: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE “O NAVIO NEGREIRO” DE CASTRO ALVES, E “O NAVIO NEGREIRO” DE SLIM RIMOGRRAFIA.** Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté, para conclusão do curso de Letras.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Resultado: \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Thaís Travassos

Universidade de Taubaté

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Ma. Deise Nancy de Moraes

Universidade de Taubaté

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Me.: Luzimar Goulart Gouvêa

Universidade de Taubaté

Assinatura: \_\_\_\_\_

“Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam.”

Paulo Freire

## **AGRADECIMENTOS**

### **À família**

À minha mãe, Kilza dos Santos Menino, que todas as noites após a aula vinha ao meu encontro para não deixar que eu retornasse sozinha para casa e que durante esse caminho foi minha ouvinte, foi com ela que compartilhei os encantos e desencantos da minha graduação e foi ela que sempre me incentivou, sempre desejou para mim tudo o que ela não teve a oportunidade de ter e ser. Minha companheira de uma vida.

Aos meus avós, Ilma Alves de Oliveira e João de Oliveira Santos, que de longe, acompanharam o meu estudo, me incentivaram e me ajudaram financeiramente. Foi a ajuda deles que fez com que a minha formação fosse possível. À minha avó Matilde dos Santos Menino, que sempre se interessou por minha vida acadêmica e fala, com orgulho, que tem uma neta professora. E ao meu avô Octávio Menino, que com muita luta, criou a mim e aos meus irmãos.

### **Aos professores**

“Um professor afeta a eternidade, é impossível dizer até onde vai a sua influência.”

(Henry Brooks Adams)

A todos os professores que contribuíram para a minha formação. Carrego todos eles comigo.

Ao professor Dr. Sílvio Costa pelas aulas de Sociologia da Educação, que despertaram em mim a consciência crítica do ser social que sou e me repensar enquanto sujeito histórico.

“A história da sociedade até aos nossos dias é a história da luta de classes.”

(Karl Marx)

À professora Ma. Deise Nancy de Moraes que foi a minha maior inspiração, com quem sempre digo que “quero ser como ela quando crescer”.

“A pessoa conscientizada tem uma compreensão diferente da história e de seu papel nela. Recusa acomodar-se, mobiliza-se, organiza-se para mudar o mundo.”

(Paulo Freire)

À professora Ma. Thaís Travassos, que se dedicou à orientação deste trabalho e me fez evoluir academicamente.

“É fácil perceber as incongruências históricas no tocante ao desrespeito aos Direitos Humanos e, não raro, envergonharmo-nos de nossos antepassados. Contudo, devemos estar atentos, pois raro, sim, é a sociedade conseguir enxergar as mazelas do seu próprio tempo.”

Nara Rúbia Ribeiro

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo fazer uma leitura comparada de dois textos que tratam da escravidão e do racismo, porém em épocas distintas. O primeiro texto é o poema Navio Negreiro (1883) de Castro Alves, e, o segundo, O Navio Negreiro (2011) do rapper Slim Rimografia. A canção do rapper é uma adaptação do poema castroalvista para os dias atuais. Ambos os textos denunciam a sociedade racista, Castro Alves, da perspectiva observadora, narra os horrores da escravidão; Slim Rimografia, da perspectiva do negro historicamente discriminado, narra como os negros descendentes (afrodescendentes) ainda sofrem com os reflexos desse regime, e como a escravidão foi estruturada e institucionalizada de outras maneiras na sociedade brasileira. Este estudo propõe aproximar o olhar sobre a periferia para ressignificar e repensar a nossa condição social na sociedade opressora, que alimenta a mesma estrutura, colocando o negro em condição subserviente. A partir dessa reflexão, propõe-se um olhar mais crítico sobre essa estrutura social e sobre como o racismo se faz presente em todas as esferas da sociedade.

**Palavras-chave: Literatura Comparada. Navio Negreiro. Racismo estrutural. Castro Alves. Slim Rimografia**



## **ABSTRACT**

This research aims at comparing two texts from different times of Brazilian literature that slavery and racism as their themes. The first text is the poem *Navio Negreiro* (1883) by Castro Alves and the second, the song *O Navio Negreiro* (2011) by the rapper Slim Rimografia. The song is a contemporary adaptation of Castro Alves' poem. Both texts denounce racist society. Castro Alves does it from the perspective of an observer, describing the horrors of slavery; Slim Rimografia speaks from the perspective of black people who have been historically discriminated, narrating how the descendants (afrobrasilians) still suffer the consequences of slavery and how it has structured and institutionalized multiple instances of Brazilian society. This study proposes a look at the periphery to resignify and rethinking our social condition in the oppressive society that subalternizes black people. Therefore, this study proposes a new and more critical look over this social structure and on how racism is present in several aspects of society.

**Keywords: Comparative literature. Slavery. Structural racism. Castro Alves.**

**SlimRimografia**

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	1
<b>1. Literatura e sociedade: questões de comparação</b> .....	3
1.1 Escravidão negra no Brasil .....	6
1.2 Reflexos da escravidão na sociedade brasileira .....	11
<b>2. Análise do Navio Negreiro de Castro Alves (1868)</b> .....	14
2.1 Romantismo no Brasil.....	14
2.2 Castro Alves .....	18
2.3 Análise do poema .....	20
<b>3. Análise do Navio Negreiro de Slim Rimografia (2011)</b> .....	32
3.1 Literatura Periférica e RAP .....	34
3.2 Análise da canção .....	40
<b>4. Leitura comparada</b> .....	46
<b>Conclusão</b> .....	57
<b>Referências</b> .....	60
<b>Anexos</b> .....	63
O Navio Negreiro de Castro Alves.....	63
O Navio Negreiro de Slim Rimografia.....	70

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar, tendo como respaldo a Literatura Comparada, dois textos que tratam da questão da escravidão e do negro no Brasil. O primeiro texto é o “Navio Negreiro” (1868) de Castro Alves, e o segundo é a canção do rapper Slim Rimografia também intitulada “Navio Negreiro” (2011). A proposta do estudo é fazer uma leitura comparada e, a partir dela, pensar como o racismo foi estruturado em nosso país de maneira institucional, histórica e cultural, e, sobretudo, propor uma reflexão sobre as consequências da escravidão para a nossa sociedade. Hoje, as desigualdades sociais, seja em termos institucionais, seja em termos pessoais, enquanto cidadãos brasileiros, e sobretudo para a população negra, ainda assombram o nosso país. A Lei Áurea não conseguiu abolir as raízes desse regime (o modo com que a sociedade enxergava/enxerga o negro). Essas raízes se fincaram na nossa realidade e imaginação. A lei, conservadora como foi, não previu nenhum projeto de inclusão social e não tinha o poder de apagar hierarquias naturalizadas. A tão sonhada liberdade foi bloqueada por novas hierarquias e pelo racismo. Discutir questões como a escravidão e o racismo é uma responsabilidade social não só dos negros, mas de todos.

Um ponto crucial a ser destacado é que Castro Alves era um poeta branco que acompanhava, com um olhar atento e crítico, as perversas facetas da escravidão, e Slim Rimografia é um *rapper* negro, que descende diretamente dessas raízes, e, portanto, sente os reflexos da hierarquia desse sistema. Castro Alves foi um espectador que denunciava a verdadeira face da escravidão e os horrores vividos pela população africana. Ele ficou conhecido como o “poeta dos escravos” por lutar com os movimentos abolicionistas contra o regime escravista. Slim Rimografia é poeta da periferia de São Paulo e denuncia, na sua canção, as consequências da escravidão para a população negra, sendo, portanto, o protagonista dessa história. Ele trata do tema em primeira pessoa, o que dá força à sua narrativa.

É importante destacar, que quando Castro Alves escreveu o poema, os negros não tinham, em sua maioria, espaço de fala para se expressarem, e o poeta carregava com ele as vozes que eram silenciadas. Hoje, depois de muita luta e

resistência, o negro conquistou espaços de fala, embora as suas narrativas ainda sejam discriminadas pela sociedade. “Não é questão de dar voz, as pessoas hoje falam por si. O que falta é escuta”, diz Lilia Schwarcz, historiadora e pesquisadora da história da escravidão (2019, em entrevista ao jornal Nexo: min: 6:18). É fato que um dos espaços de fala mais expressivos do negro nos tempos atuais é o RAP.

A literatura comparada possibilita o estudo comparado de dois, ou mais textos que tenham relações entre si. Essas relações podem ser tanto na inspiração, no conteúdo, na forma, no estilo. As obras estão ligadas pela inspiração, o conteúdo e a influência. A comparação dos textos nos leva a dois pontos da História: século XIX, quando a escravidão era legal e acontecia às claras perante a sociedade, e o século XXI, quando os reflexos desse período podem ser observados pela maneira que o negro vive. Os textos estão distantes em relação ao tempo e ao espaço, mas o *corpus* e o tema são o mesmo: a escravidão da população negra. Ambos os textos abordam e denunciam a sociedade de seu tempo. A canção de Slim agrega um novo significado e atualiza o poema de Castro Alves.

Ainda hoje, no ano de 2019, desigualdade social se faz muito presente na nossa sociedade, mas ainda há uma grande parcela da população que defende que o racismo não existe e ignora quase 400 de história de escravidão e opressão da população negra que o Brasil carrega. Ainda hoje temos homens brancos no poder professando discursos racistas e ignorando questões que precisam ser debatidas. É evidente que há certa dificuldade da população em fazer a leitura do racismo na sociedade. Portanto, este estudo é relevante para propor reflexões sobre o tempo atual. A palavra carrega a história humana, atentemo-nos a ela.

## 1. LITERATURA E SOCIEDADE: QUESTÕES DE COMPARAÇÃO

A questão racial é fundamental para todos nós brasileiros. Não se passa pela História de um país que viveu um dos mais cruéis regimes escravistas por um período de quase 4 séculos e que em todo o seu território recebeu 40% da população que saiu da África e foi o último país a abolir o regime, sem consequências graves. É impossível não carregar os efeitos desse período que se prorrogaram aos seus descendentes. A literatura, enquanto produto dessa sociedade parece ser um espaço privilegiado para se observar a relação que a sociedade estabeleceu com esse marco de nossa história. Dessa forma, a comparação dos textos pode nos levar a dois pontos da História que nos proporcionarão a reflexão proposta.

O conceito de Literatura Comparada foi alterado diversas vezes, por diversos críticos. Um dos conceitos que o manual *La littérature comparée* apresenta, segundo Carvalhal (1986), é:

A literatura comparada é a arte metódica, pela pesquisa de laços de analogia, de parentesco e de influência, de aproximar a literatura de outros domínios da expressão ou do conhecimento, ou então os fatos e os textos literários entre eles, distantes ou não no tempo e no espaço (CARVALHAL, 1986, p.31).

A partir desse conceito, é possível relacionar dois textos que foram produzidos em diferentes contextos históricos e estão distantes em relação ao tempo e ao espaço, porém que abarcam temas comuns. O segundo texto toma o primeiro como principal influência para fazer uma adaptação da obra para os dias atuais. A perspectiva dessa analogia é social, visto que, para se fazer uma reflexão a partir desse estudo, é necessário analisar como os textos abordam e/ou denunciam a sociedade de seu tempo. “O autor vive na história e a sociedade se escreve no texto” (NITRINI, 1997, p. 162).

Em entrevista ao jornal Nexo, Schwarz (2017) afirma que é fato que em quase todas as sociedades se discrimina socialmente, se exclui, humilha ou rebaixa quem tem antepassado escravo. Os textos têm em comum a narração dessa discriminação e humilhação que o negro viveu e ainda vive, como veremos na conclusão deste estudo. “Em Roma era possível, por exemplo, distinguir o cativo do homem livre,

pois eles não se diferenciavam na aparência, mas na América isso não era possível, pois aqui escravo era sinônimo de negro”, afirma (SCHWARCZ; GOMES, 2018, p.14). A população negra carrega consigo as marcas da escravidão.

Para que essa comparação seja possível, é preciso retroceder ao período escravista no Brasil, para analisarmos o texto de Castro Alves. O “Navio Negreiro”, de 1868, nos dá uma ideia de como homens livres que vinham de terras distantes foram transformados em escravos, a maneira que essas pessoas viviam e sofriam nos longos dias ao mar, as enfermidades que contraíam nos demorados e sofridos percursos nos porões abafados dos tumbeiros, os leilões que colocavam o negro em posição de mercadoria, a aceitação e a recusa do cativo e da situação de escravo, a acomodação, a rebeldia, as fugas, as formações de quilombos, como a cultura, a religião, os ritmos e as crenças foram difundidas na nossa cultura e os modos de vida que eles trouxeram para América e de como aqui se misturaram. Eles trouxeram linguagem, conhecimento, tecnologia, e, ainda hoje, as pessoas têm resistência para reconhecer que a cultura africana proporcionou conhecimento e enriquecimento na nossa formação cultural.

Ao que tudo indica, “a expressão “literatura comparada” derivou de um processo metodológico aplicável às ciências, no qual comparar ou contrastar servia como um meio para confirmar uma hipótese” (NITRINI, 1997, p. 20). Com base nesse fundamento, o segundo texto, o “Navio Negreiro”, de Slim Rimografia, faz uma adaptação da obra de Castro Alves para comparar, contrastar e confirmar as questões que o poeta descreveu em seus versos. A canção do *rapper* nos aproxima da realidade de quem descende diretamente do negro escravizado e dá a ideia de continuação dos fatos, mas desta vez da perspectiva do negro, visto que Slim é um homem negro que vive na periferia. Para Paul Van Tieghem, segundo (NITRINI, 1997 p. 32), “o trabalho comparatista não se deve limitar a relacionar textos, uma vez que a vida do autor constitui um fator importante na gênese da obra. A revelação e a difusão de ideias e sentimentos podem, às vezes, partir de um fato histórico ou social”. O fato de o *rapper* pertencer ao grupo de descendentes dos negros escravizados ao longo da História do Brasil torna a sua narração uma constatação histórica e social.

O poema castroalvista, portanto, serve de influência para a composição do Rap de Slim Rimografia. “O estudo da influência é a pesquisa de semelhanças

escondidas, de parentescos secretos entre duas visões de mundo” (NITRINI, 1997, p. 133). Ao analisarmos os textos, o parentesco entre as obras é evidente, porém a visão de mundo é diferente, frente ao fato de que cada obra foi produzida em diferentes contextos históricos. O segundo texto é uma versão atual do primeiro. O *rapper* faz uma adaptação a partir de uma nova realidade e cria uma nova narrativa fazendo alusão ao texto de origem, o que torna a sua composição um texto original, pois ele digere o poema e o transforma. Elaborando, assim, sua própria significação. “O que difere a influência de originalidade é o grau de assimilação. Nada mais original, nada mais próprio do que nutrir-se dos outros. Mas é preciso digeri-los. A originalidade é, pois, um caso de assimilação” (NITRINI, 1997 p. 134).

Ambos os textos dão a oportunidade de ouvir o sentimento alheio de ficar pesaroso a partir da escuta, causando indignação e nos levando a uma reflexão crítica. É fundamental conhecermos a nossa história para conseguirmos lidar com o barulho da diferença, que é gritante no nosso país. Aprender a respeitar a diferença é importante para o outro, mas, sobretudo, para si também, pois ela transformar: “Democracia não é pacto com o igual, é pacto com o diferente” (SCHWARCZ, entrevista ao jornal NEXO, 2017, min: 7:21 ao 7:27).

Para entendermos melhor as consequências e os reflexos da escravidão nos tempos atuais, tratarei, resumidamente, devido a sua complexidade e intensidade, em um subtítulo especial, do que foi o período escravista no Brasil.

## 1.1 ESCRAVIDÃO NEGRA NO BRASIL

Segundo QUEIROZ, 1987:

A escravidão é uma instituição tão antiga quanto o gênero humano e de amplitude universal, pois, legitimada pelo direito do mais forte, ocorreu em todos os tempos e em todas as sociedades. O cativo tornou-se a mão de obra fundamental em todos os campos da produção, a escravidão brota lentamente de todo o conjunto da vida material, social e moral, resulta de um processo evolutivo natural, cujas raízes se ligam ao passado e à tradição (QUEIROZ, 1987, p.5).

A escravidão da época, da qual retomo, entretanto, foi um fenômeno relativamente novo, pois relacionou a escravidão à raça negra. Foi uma solução encontrada pelos povos europeus para aumentar a lucratividade de seus empreendimentos econômicos. Era um negócio rentável: as atividades econômicas exigiam crescente número de braços e o escravo era uma mercadoria que se podia comprar barato para vender caro.

Dessa forma, o tráfico negreiro tornou-se um dos negócios mais lucrativos da época, de fundamental importância para a manutenção e a expansão da escravidão. QUEIROZ (1987) escreve:

Foram os portugueses os pioneiros nessa atividade, pois ela decorreu da expansão marítima do século XV, na qual Portugal teve papel preponderante. O tráfico negreiro se estende por todo litoral compreendido entre Senegal e a atual Serra Leoa, desde 1449, a Companhia de Lagos, constituída pelo infante D. Henrique, atua em tal sentido: nesse ano é criado o Castelo de Arguim, na ilha do mesmo nome, espécie de fortaleza e entreposto de escravos. Em 1482, no reinado de D. João II, outro castelo é fundado, o de São Jorge da Mina, que, centralizando as atividades negreiras, logo se torna importante ponto de referência. Algum tempo depois em 1575, surgiria São Paulo de Luanda na costa de Angola, a mais importante esfera portuguesa no ocidente africano. Dessa cidade e de São Felipe de Benguela partiam negros aos milhares para o trabalho compulsório (QUEIROZ 1987, p. 12).

É com a colonização do Novo Mundo que o tráfico negreiro aumentará progressivamente e significadamente. Segundo Gomes, em entrevista ao Jornal Folha de S. Paulo (2019, min: 14:42 ao 14:46 ), cerca de metade das dez milhões de pessoas escravizadas na África desembarcaram no Brasil durante um período de



350 anos, pessoas que foram brutalmente arrancadas de seus lares de origem e levadas para o penoso trabalho compulsório em terras distantes, a fim de proporcionar a capitalização necessária ao sistema, de seres humanos convertidos em força de trabalho.

Os escravizados introduzidos no Brasil pertenciam a dois grandes grupos de língua e cultura distintas: o dos sudaneses, encontrados nas regiões mais ao norte do litoral africano, e dos bantos, nas áreas ao sul da linha do Equador. Cabindas, benguelas, congos, angolas, classificavam-se entre os bantos e eram considerados excelentes agricultores, os sudaneses abrigavam hauçás, mandingas, nagôs e provinham de reinos africanos florescentes. Muitos professavam o islamismo e eram alfabetizados, embora fossem valorizados por esses atributos, eram também temidos por dispor de melhores condições para organizar-se e promover rebeliões.

As tarefas designadas aos negros eram pesadas. A moagem não podia ser interrompida e, num engenho de bom porte, prolongava-se por grande parte do ano. Os engenhos funcionavam 24 horas por dia, e era feito um revezamento de negros para manter o funcionamento. O braço negro esteve presente em todos os setores e áreas de atividades. Conforme as riquezas do Brasil iam sendo descobertas e exploradas, a demanda de negros ia aumentando e se espalhando por outras regiões do país: Minas Gerais, São Paulo e todo o Vale do Paraíba, Salvador, Rio de Janeiro.

A escravidão era claramente expressa na legislação e era comum ver anúncios como este nos jornais da época, como cita Queiroz (1987, p. 35): “Vende-se um escravo, bonita peça sem defeitos, próprio para qualquer trabalho ou ofício.” (*Publicado no Diário de São Paulo de 27 de fevereiro de 1870*).

O negro era classificado como “coisa”, “peça”, “mercadoria”, podia ser vendido, alugado, emprestado, hipotecado, submetido, enfim, a todos os atos decorrentes do direito de propriedade. A lei negava-lhes o direito de dar queixa, oferecer qualquer tipo de denúncia contra o seu dono, era negado também o ajuntamento dos negros, pois era preciso impedir que os escravizados se agrupassem e pudessem então organizar rebeliões. As menores faltas cometidas pelos escravizados eram punidas com castigos severos e repressivos, o castigo mais usual era o açoite, ficando a critério do juiz o número total de chibatadas,

ressaltava-se apenas que o número não fossem superior a cinquenta por dia. Mas não terminava aí o suplício dos negros: eram submetidos a uma segunda prova, não menos dolorosa, a lavagem das chagas com vinagre e pimenta, para evitar a infecção do ferimento. A legislação era cruel, mas a prática do escravismo, pela sua própria natureza e sentido, ultrapassou-a em crueldade.

Muitos escravizados preferiam o caminho da insubordinação ante os rigores do cativo e reagiam através dos mais diversos tipos de protesto: o suicídio, o aborto, a resistência ao trabalho. A mulher escravizada que não vislumbrava outro destino aos filhos preferia matá-los antes de nascer, e o negro, impotente ante os desmandos do senhor, recorria à morte. As fugas também eram um meio de escapar e foram frequentes em todo o período escravista. Muitos deles se aglomeravam em quilombos, como o famoso quilombo de Palmares.

As justificativas para a escravidão foram diversas: era um fenômeno universal, admitido em todos os tempos e não cabia questioná-la, os cristãos defendiam que quem nascesse escravo deveria conformar-se e esperar pela libertação nos reinos do céu, diziam, também, que trazer os negros da África para América era um ato de caridade, pois eles estariam libertos da barbárie e de um estágio selvagem de civilização. Nesta postura está claramente presente o preconceito de raça que, no Brasil, seria estimulado pelos estrangeiros aqui chegados após a abertura dos portos. “Martius e Debret defendiam que o sangue do negro era mais escuro e o crânio menor, reforçando a ideia de superioridade branca” (QUEIROZ, 1987, p.37).

Com o surgimento da Revolução Industrial na Europa (1760 – 1850), surgem outros interesses capitalistas que eram acomodados com a ideia de acumulação, e esse processo ocorre com maior intensidade na Inglaterra. A partir daí, entram em crise as principais instituições criadas pelo mercantilismo: o pacto colonial e a escravidão. Dessa forma, a Inglaterra passa a exigir a quebra das prerrogativas coloniais herdadas do mercantilismo. A partir de 1833, o escravizado será figura do passado nas colônias inglesas. Para a monarquia inglesa, era vital que o tráfico negreiro nos demais países fosse extinto, pois seria impossível permitir que outros a substituíssem em tão lucrativo negócio, visto que a escravidão gerava a mão de obra mais barata do mercado. O imperador Pedro I resistiu quanto pode, todavia foi obrigado a capitular: em 23 de novembro de 1826 assinava um acordo,

pelo qual se comprometia a acabar com a vinda de africanos dentro de três anos contados a partir da ratificação do tratado, ocorrida em 13 de março de 1827. Esses três anos foram o período em que o Brasil mais importou escravos, cerca de meio milhão até 1850, foi o período também em que mais houve fraudes com notas fictícias, barcos com bandeiras alternativas, diários falsos de bordo, pessoas desembarcadas na surdina.

Em 4 de setembro de 1850, o parlamento brasileiro converte em lei o projeto elaborado por Eusébio de Queirós, que extinguiu definitivamente o tráfico de negros para o Brasil. Dessa vez, as medidas eram para valer. Uma das mais eficazes determinava o julgamento e a punição dos infratores pelo Almirantado brasileiro, transferindo assim ao poder central a prerrogativa antes conferida aos júris locais, muito mais sujeitos às pressões dos fazendeiros. Os mecanismos estabelecidos na Lei Eusébio de Queirós mostraram a sua eficiência: dos 23 mil cativos ainda chegados em 1850, passou-se para 3 mil em 1851 e 700 no ano seguinte. O tráfico, enfim, terminara! A pressão inglesa foi fundamental para desenraizar a instituição que há séculos conferia riqueza, mando e prestígio a uma poderosa classe agrária. Somente a força poderia fazê-la renunciar ao suprimento contínuo dos braços por ela considerados os pilares de uma prosperidade. A África estava interdita, o número de negros exportados foi reduzido, mas, dentro do Brasil, ainda havia total disponibilidade de escravos para os plantadores que tivessem dinheiro para comprá-los.

Os países estrangeiros e os movimentos abolicionistas continuaram fazendo pressão ao rei Dom Pedro II para que a escravidão fosse extinta. Surgiram então a Lei do Ventre Livre (1871) e a Lei dos Sexagenários (1885). Em março de 1888, São Paulo envia uma petição ao Parlamento para que agisse, por razões sociais, morais e econômicas, no sentido de abolir a escravatura no país inteiro. Ninguém poderia prever, poucos anos antes, que partiria dos paulistas tão surpreendente gesto. Seu efeito foi imediato: os escravocratas mais impenitentes perderam força, e o exemplo repercutiu nas demais províncias, onde o sistema, visivelmente, se esfacela. Cidades e municípios do Brasil inteiro, em rápida sucessão, libertaram seus cativos. Resistem apenas algumas localidades do Rio de Janeiro. Quase 55 após a Inglaterra abolir a escravidão, no dia 13 de maio de 1888, a princesa Isabel assina a então Lei Áurea, dando alforria aos negros escravizados.

O período posterior a 1888 revelou quão infundado fora o temor manifestado pela classe agrária de que a abolição gerasse o caos econômico-social. Mas a Lei Áurea também não representou a redenção integral do negro. Queiroz (1987), conclui:

Após os primeiros instantes de atordoamento ante a liberdade enfim conquistada, quando aos magotes, buscaram escapar ao cenário de suas desditas, não lhes restou outra alternativa senão a de regressarem às áreas rurais, sujeitos a vis salários. Os que ficaram nas cidades foram relegados a ínfimas ocupações. Não se pode imputar, entretanto, aos abolicionistas a acusação de que estivessem “mais interessados em libertar a sociedade do ônus da escravidão do que em resolver o problema do negro”. Sua ideologia ia bem além da emancipação e pregava reformas que, efetivadas permitiriam ao negro a gradativa integração na sociedade de classe. No entanto, não houve espaço para ele. Prevaleceram os interesses dos fazendeiros, especialmente os do Sul que, recorrendo à imigração, resolveram a questão de mão de obra e mantiveram tanto o espírito quanto a organização do antigo sistema (QUEIROZ, 1987, p. 78).

A escravidão tinha sido abolida, mas o decorrer do tempo revelaria quão fundas marcas imprimiria a presença do negro em todas as esferas sociais. A figura do cativo foi revestida de uma conotação pejorativa, tais atitudes no correr do tempo se integrariam na psicologia coletiva como um traço profundo e enraizado do caráter brasileiro.

## 1.2 REFLEXOS DA ESCRAVIDÃO NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Não é possível estudar o escravismo sem emoção e um sentimento de vergonha e remorso, mas se pensarmos em sociedade e entendermos que somos seres históricos e ocupamos uma posição social, vale a reflexão de quais são as incongruências do nosso tempo e qual é a nossa posição frente a elas. Carvalhal (1986) faz uma constatação que é a base deste estudo:

A compreensão do texto literário conduz à análise dos procedimentos que caracterizam as relações entre eles e quais são os motivos que geram essas relações. Para que o autor resgate um texto do passado com intenção de reescrevê-lo e lhe atribuir um novo sentido em outro contexto histórico, ele quer dar continuidade ou quer modificar algo. A repetição de um texto quando acontece, sacode a poeira do texto anterior, atualiza-o, renova-o e (por que não dizê-lo?) o reinventa (CARVALHAL, 1986, p. 54)

Slim Rimografia não só atualiza o texto de Castro Alves como lança um olhar de uma perspectiva negra, para o século XXI, como também o reescreve no seu momento histórico e o explora criticamente. Ele dá um novo significado que não era possível agregar ao texto de origem. Se no “Navio Negreiro” de Castro Alves a denúncia da escravidão e do horror com que os negros eram tratados era o tema central em seus versos, no “Navio Negreiro” do *rapper* a denúncia de como a escravidão permanece, em diferentes facetas, trazendo, portanto, o tema para o seu tempo também está presente. Segundo Carvalhal (1986, p. 81), a Literatura Comparada ambiciona um alcance de contribuir para elucidação de questões literárias que exijam perspectivas amplas. Assim, a investigação de um mesmo problema em diferentes contextos históricos e literários permite que os horizontes do conhecimento favoreçam uma visão crítica das literaturas.

Em 2019, completamos 131 anos da abolição constitucional; é pouco tempo em se tratando de História, as marcas desse regime ainda são muito fortes. É possível que ainda hoje haja netos e bisnetos dos escravizados vivos. A ancestralidade com os africanos ainda é muito próxima. Os atuais índices de desigualdade, discriminação e exclusão tornam nítida a contínua invisibilidade das gerações. Segundo Schwarz, em entrevista à Rádio Companhia #79 (2019):

Com o associativismo e a imprensa negra do início do século XX, com o crescimento dos movimentos contra o Racismo, e com a retomada de uma produção acadêmica robusta voltada para o período da escravidão e do pós-emancipação e das políticas públicas mais contemporâneas, tal quadro indica novas – embora ainda morosas – mudanças (SCHWARZ, 2019, min 38:41 ao 38:).

O racismo se perpetuou na nossa sociedade de maneira estrutural. É um tipo de racismo que foi se enraizando de tal maneira que nós acabamos criando uma espécie de cegueira construída socialmente que nos impossibilita de ver e nos impede de atuar. A canção de Slim Rimografia faz essa denúncia dando visibilidade a fatos incontestáveis. E, diante desses fatos, é preciso ter uma postura contra esse sistema e combatê-lo.

Muitas pessoas não têm ideia da dimensão e de quão vasta foi a escravidão no nosso país, e a cada estudo surge uma nova descoberta. Schwarz (2019, em entrevista à Radio Companhia #79, min 29:33 ao 29:34), diz: “A escravidão é uma linguagem de uma sociedade”. O que nós podemos entender sobre a relação de poder entre o oprimido e o opressor que essa linguagem sugere? A escravidão não é destino, como muitos acreditam, é uma imposição social.

Nos navios vieram linguagens, vieram culturas, religiões, ritmos de muitas áfricas, e não há como ignorar esses fatos, assim como não há como negar que o Brasil ainda tem resistência em aceitar tudo que descende dos negros africanos. Como vimos, a escravidão sempre existiu em todos os períodos e povos estudados pela História, mas não podemos negar que a escravidão mercantil, que aconteceu no Brasil (compra, venda, aluguel de seres humanos), foi muito forte no sentido de tirar a identidade e as características próprias de seres humanos que foram tratados como “coisas”. Todas as heranças deixadas pelos negros, fundamentais para a construção da identidade do nosso país, ainda são marginalizadas pela nossa sociedade.

“O presente está mais repleto de passado do que a gente pode imaginar”, diz (SCHWARCZ, 2019, em entrevista à Radio Companhia #79, min: 28:34). Há ainda outras formas de escravidão. A Lei Áurea não previu projetos de inclusão social dos negros alforriados. Foram surgindo novas formas de continuísmo da escravidão. Com o processo pós-escravidão, surgiram áreas sociais que ainda hoje são impenetráveis pelos negros. Perpetuamos o paternalismo, a baixa escolaridade,

a desigual ocupação de cargos trabalhistas, as diferenças salariais, as ações de ridicularizar a aparência física e os traços faciais que mantêm o laço com a ancestralidade, enfim, a inferiorização do negro de uma maneira geral.

A proposta desse estudo nos traz a reflexão de como estamos recriando essa escravidão nos dias atuais. Não podemos culpabilizar somente a história da escravidão, mas devemos repensar o que estamos fazendo hoje. O que estão fazendo, por exemplo, com os jovens negros. “A raça é ainda um plus” (SCHWARCZ, 2019, em entrevista à Radio Companhia #79, min: 39:12). Se analisarmos as esferas sociais, como saúde, educação, questões trabalhistas, moradia, veremos vários dados que confirmam essa realidade, podemos pegar um item para comparar. Por exemplo, segundo o Atlas da Violência 2019, há dados recentes que indicam que um jovem negro tem 5% mais chance de morrer assassinado do que um jovem branco. Precisamos refletir sobre esses dados, essas marcas da exclusão e essa cidadania incompleta. É crucial problematizarmos o tema do racismo e de como marcadores sociais que o perpetuam estão presentes e fortes no nosso país e como ainda é invisibilizado naturalizando o sofrimento que ele acarreta. O racismo produz o indivíduo, o Brasil não será uma verdadeira democracia enquanto nós admitirmos que o racismo existe e é uma questão que precisa ser discutida.

## 1. ANÁLISE DO NAVIO NEGREIRO DE CASTRO ALVES (1868)

Este segundo capítulo tem o objetivo de apresentar uma leitura do poema “Navio Negreiro” (1880), de Castro Alves. Para isso, tratarei de voltar ao período do Romantismo brasileiro, para tratar do contexto em que a obra foi produzida.

### 2.1 ROMANTISMO NO BRASIL

No começo do século XIX, o Brasil estava em uma situação contraditória, não apenas em sentido político, mas também cultural. Havia um sentimento de incômodo da sociedade devido à situação dada pelo bloqueio do Intercâmbio Comercial, o que impunha aos brasileiros uma política econômica de exploração e dominação portuguesa. Candido (2004) faz referência a esse período:

Colônia de um país atrasado como Portugal, o estatuto de dependência já atrapalhava os movimentos de suas classes superiores, que desejavam cada vez mais ser também dirigentes. Os homens cultos, os clérigos, os proprietários sentiam mal-estar no mundo fechado que a Metrópole criara, não apenas impedindo o intercâmbio comercial, mas tomando a parte do leão nos produtos da riqueza e estabelecendo condições humilhantes para os naturais do país. Isso explica certas tentativas de mudança, certos projetos de libertação, como a Inconfidência Mineira de 1789 (CANDIDO, 2004, p. 7).

Um sentimento de revolta e inconformismo pairava sobre a sociedade e, com ele o desejo de libertação se aflorou na população. Dá-se então origem a projetos libertários, como a Inconfidência Mineira (1789). Alguns dos intelectuais que viviam na capitania de Minas Gerais e que estavam envolvidos na Inconfidência foram punidos com cárcere e desterro. A situação da cultura intelectual era igualmente insatisfatória. Os cientistas, magistrados, eclesiásticos, escritores, tinham estudado na Europa, pois, na época, no Brasil ainda não havia Universidades.

Em 1807, após a invasão de Portugal e a tomada de Lisboa pelas tropas de Napoleão, a Família Real Portuguesa se transfere para o Brasil. Em 1808, o Príncipe Regente D. João e toda a sua corte, funcionários e soldados se instalam na Colônia “atrasada e isolada” (CANDIDO, 2004, p. 9). Depois que a Família Real se instalou, houve uma modificação profunda na sociedade devido a sua presença, pois



tornando-se sede da Monarquia, o Brasil dá início ao processo de independência, que aconteceu de fato em 1822, sob interesse e vantagens da corte portuguesa que permaneceu governando.

Do ponto de vista Cultural, a presença do governo português em terras brasileiras foi um marco histórico transformador, o Rio de Janeiro, a então capital, se torna o centro do país e o foco de irradiação intelectual e artística. Depois de 1808, surgiram as primeiras escolas de ensino superior no Brasil, os primeiros jornais, as bibliotecas e a imprensa. Com uma corte europeia residindo em nossas terras, o país começa, então, a receber intelectuais, cientistas, artistas de vários países, que deixaram contribuições na expressão de Brasil que estava surgindo.

Um traço importante a ser ressaltado é a mudança da participação política dos civis. No fim do século XVIII, as ações dos governantes eram louvadas e acatadas como divinas, e, no começo do século XIX, sobretudo depois da Independência, os civis se tornam mais participativos com desejos de autonomia e de reformas sociais. O Brasil, agora uma nação independente, ainda continua com muitos problemas sociais, o mais importante deles sendo a escravidão, sobre a qual tratarei com mais ênfase mais adiante.

Do ponto de vista literário, esse é um momento de “produção geralmente medíocre” (CANDIDO, 2004, p. 12), caracterizado pela mistura da formalidade do Arcadismo, odes, cantos épicos, sonetos no modelo tradicional, mas, aos poucos, começa a surgir algumas mudanças nos temas e no tom das obras. Podemos observar algumas novas características, nas palavras de Cândido (2004):

A melancolia, por exemplo, vai sendo cada vez mais associada à noite e à lua, ao salgueiro e à saudade, sobretudo ao pormenor dos lugares. Modificação paralela ocorre no tratamento da natureza, pois a tradição nativista se liga então ao novo sentimento de orgulho nacional, que renuncia o patriotismo. É preciso destacar outro traço, cheio de consequências: o advento de uma religiosidade que se distancia da devoção convencional para apresentar-se como experiência afetiva, que confere certa nobreza espiritual e foi sendo considerada cada vez mais posição moderna, oposta ao paganismo ornamental da tradição (CANDIDO, 2004, p. 15).

Aos poucos, os padrões do Neoclassicismo, a formalidade e a obediência às normas vão dando lugar a uma nova literatura com identidade própria. Chamamos, então, esse período literário de Romantismo. O Brasil tem nesse

período uma literatura concentrada na descrição da sua própria natureza de seus costumes, dando realce ao índio. Eis o Nacionalismo e o Indianismo deram origem a 1ª das três principais vertentes temáticas do Romantismo Brasileiro. Obras como “Canção do exílio” e *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias, *O Guarani*, de José de Alencar, que foram produzidas nesse período, dão visibilidade aos temas locais e ao índio. Surgiram, também, os romances regionais, com obras que apresentavam os costumes e os cenários que ficaram de fora do acervo relacionado ao Romantismo. Ademais, o romance regional buscou retratar diferentes aspectos de cada região do país e a imensa diversidade cultural observada em terras brasileiras, como se pode observar na obra *O sertanejo*, de José de Alencar.

Por volta de 1840 se expandiu uma espécie de Literatura da Mocidade, feita por jovens que levaram a melancolia, ao desespero e o sentimentalismo ao extremo. Era comum o toque de sarcasmo e da ironia e, não raro, toques de satanismo nessas obras. A negação à norma e o desejo de transgredir levaram alguns desses poetas ao extremo. Eis que surge essa que será a 2ª vertente temática do Romantismo. Esses jovens poetas contribuíram para o Romantismo Brasileiro com rebeldia e sofrimento. Podemos citar Álvares de Azevedo como um representante dessa atmosfera, o lirismo sentimental e a confissão da emoção eram os traços dessas obras que mais atraíram o leitor da época.

Os anos entre 1860 e 1870, foram marcados pela maior guerra que houve na América Latina: de um lado Brasil, Argentina e Uruguai, que mantinham uma aliança, e do outro O Paraguai, cujo presidente Francisco Solano Lopez organizou um forte exército na tentativa de expandir o seu país. O sangrento conflito durou 5 anos, de 1865 a 1870, ao fim dos quais o Paraguai estava destruído e os outros países fortalecidos.

Segundo Candido (2004), para vencer a Guerra do Paraguai, o Governo Imperial investiu maciçamente na compra de negros. O negro brasileiro não se rendeu em nenhum momento no sentido de defender sua pátria afro-brasileira e derramar seu sangue numa guerra promovida pelo capital internacional. Sustentou a guerra, defendeu a bandeira imperial, lutou de forma honrosa e venceu lutando como escravo alforriado ou não. Quase cem mil negros foram exterminados na guerra e o abolicionismo ganha força nesse período. O negro, que até então, pouco havia sido enfatizado na literatura brasileira, torna-se um dos principais temas das

obras produzidas pelos poetas abolicionistas do tempo. O pós-guerra para o Brasil foi desastroso, o país ficou preso às garras da Inglaterra que tinha bancado a destruição do Paraguai.

Com o fim da guerra, o antigo grande problema do Brasil agora ressurgiu com mais força: a abolição do sistema escravista, já que os países da Europa e alguns da América já haviam abolido os escravos. Havia certa pressão dos países que mantinham alianças com o Brasil, principalmente da Inglaterra, para que a escravidão fosse extinta, não por compaixão aos negros, mas por questões comerciais. Nesse cenário, surge uma terceira vertente temática que abarca o sentimento abolicionista. Essa temática, da luta por maior igualdade, retoma um dos importantes sentimentos românticos europeus presentes em obras como *Os miseráveis*, de Vitor Hugo, de 1862. A grande referência dessa geração foi Castro Alves, que ficou conhecido como “o poeta dos escravos”, o qual evidenciarei nos parágrafos seguintes.

## 2.2 CASTRO ALVES

Antônio Francisco de Castro Alves nasceu na vila de Curralinho, hoje cidade de Castro Alves, Bahia, em 14 de março de 1847. Filho de Antônio José Alves, médico e professor, e de Clélia Brasília da Silva Castro. Em 1854, sua família mudou-se para Salvador, pois seu pai foi convidado para lecionar na Faculdade de Medicina. Em 1858, ingressou no Ginásio Baiano.

Demonstrou vocação apaixonada e precoce pela poesia. Aos 13 anos, recitou sua primeira poesia em público, em uma festa na escola. Foi o grande nome da poesia abolicionista no Romantismo Brasileiro, pois tinha uma visão social ampla, e sua fama foi devido, sobretudo, à poesia humanitária e social, que se voltava para o negro com uma generosidade e um ânimo libertário que fizeram da sua obra uma grande força para o movimento abolicionista. A sua poesia destaca a escravidão, a injustiça, o cativo, a ignorância e a opressão. A personalidade poética de Castro Alves corresponde ao seu traço mais saliente, pois a sua novidade e sua força rompem com o drama e sentimentalismo dos ultrarromânticos. Ele lança o olhar do eu sobre o mundo e, especialmente sobre as lutas externas do homem contra a sociedade, do oprimido contra o opressor.

Há na poesia castroalvista o sentimento da história como fluxo, e do indivíduo como parcela consciente desse fluxo. Por isso, obteve uma visão larga e humana do escravo. Ele tornou-se o poeta dos escravos ao dar-lhes não só um grito de revolta, mas dignidade lírica, onde os seus sentimentos podiam encontrar amparo.

Para que possamos compreender essas afirmações, é necessário analisar de mais perto o significado do tema negro na literatura da época. O negro, escravizado, misturado à vida cotidiana, em posição de inferioridade, não se podia facilmente elevar a objeto estético, numa literatura ideologicamente ligada a uma estrutura de castas. Foi com sentimento humanitário que o abolicionismo progrediu na literatura e ocorreu na maioria dos poetas. Candido (2000, Vol. II) se refere ao poeta da seguinte maneira:

Talvez tenha sido Varela o primeiro a dar ao negro consistência mais nobre traçando o perfil heroico de "Mauro, o escravo" (1864), mas só Castro Alves estendia sobre ele o manto redentor da poesia,

tratando-o como herói, amante e ser integralmente humano (CANDIDO, 2000, p. 247).

Sigamos, agora, portanto, a análise de seu poema “Navio Negreiro”.

### 2.3 ANÁLISE DO POEMA

Na segunda metade do século XIX, o Brasil ainda convive com o tráfico negreiro. Embora proibido pela Lei Eusébio de Queirós, de 1850, ainda havia resistência política da elite agrária escravocrata para emperrar o processo da Abolição. Como mencionado, o poeta fez parte da geração de poetas abolicionistas. Sua obra atuante e resistente contra o regime escravista tornou-o “o poeta dos escravos”, como ficou conhecido. Gonçalves Dias e Fagundes Varela foram dois grandes nomes dessa geração, mas ninguém foi mais dedicado à causa abolicionista do que Castro Alves. O poeta teve seu livro *Os escravos* publicado postumamente no ano de 1883. A obra contém 34 poemas com viés abolicionista, seus versos apresentam e denunciam a tragédia da escravização da população negra. Dentre os poemas do livro, está o 24º poema, intitulado “O Navio Nегreiro (Tragédia ao mar)”. Antes de ser publicado, o poema foi declamado por Castro Alves, em 1868, em São Paulo, dezoito anos após a Lei Eusébio.

O poema é dividido em seis partes, 34 estrofes e 240 versos. O poema demonstra uma das qualidades elementares da poesia lírica: a valorização do sentimento e da emotividade, quando adjectiva o quadro de amarguras. A forma e o conteúdo se harmonizam para produzir e apresentar a sonoridade e a imagética do poema. Podemos acrescentar ainda que a ordem musical obedece a uma sequência de sons que mimetiza a ordem das imagens construídas a partir dos versos. Há uma sonoridade musical na articulação das palavras, como poderemos observar no decorrer desta análise.

Além disso, o poeta descreve as cenas com precisão das imagens de tal maneira que cria a possibilidade de o leitor reconstruir, imaginariamente, as cenas descritas. Na primeira parte, a visão do eu - lírico é macro, descreve e exalta a extrema beleza do mar, do horizonte, da natureza, *de* uma perspectiva distante onde tudo lhe parece belo. Essa exaltação da beleza se contrapõe como uma antítese ao próprio subtítulo (tragédia ao mar). Nesse momento, o eu - lírico é altamente idílico. O céu e o mar se aproximam tanto pela cor azul quanto pelo amplo espaço. São os

lugares centrais da poesia.

Podemos observar que o poeta faz uma anáfora nas quatro primeiras estrofes com o verso inicial “*Stamos em pleno mar*” para localizar o leitor. O primeiro espaço se configura num espaço infinito de calma e de alegria, e o eu - lírico está deslumbrado com tamanha beleza. Os verbos “correm”, “cansam”, “saltam” dão movimento à cena. As comparações são figuras recorrentes que aparecem nessa primeira parte: “**Como** turba de infantes inquieta”, “**como** espumas de ouro”. O eu - lírico concentra a atenção no barco, nomeando-o e aludindo alguns de seus elementos num campo semântico: “abrindo **velas**”, “vibrações **marinhas**”, **veleiro** brigue”. Nesta primeira parte do poema, o discurso é expressivo: “Oh! Que doce harmonia traz-me a brisa!”, “que doce harmonia traz-me a brisa!”. Podemos observar que o eu - lírico transmite as sensações de prazer que sente, ao descrever a cena com essas expressões.

Quanto à forma, a primeira parte, a mais longa do poema, tem 11 quartetos, 44 versos decassílabos. O esquema rítmico é composto por rimas externas perfeitas, pobres (pertencem à mesma classe gramatical), ricas (classes gramaticais diferentes) e preciosas (constituídas de terminações incomuns, não convencionais). As rimas são alternadas no 2º e no 4º versos de todas as estrofes. O eu - lírico é pessoal, com a marca de primeira pessoa com o verbo “Stamos”. Podemos observar nas estrofes seguintes:

**'Stamos** em pleno mar... Doudo no espaço  
Brinca o luar — dourada borboleta; (a)  
E as vagas após ele correm... cansam  
Como turba de infantes inquieta. (a)

**'Stamos** em pleno mar... Do firmamento  
Os astros saltam como espumas de **ouro**... (b)  
O mar em troca acende as ardências,  
— Constelações do líquido tes**ouro**...(b)

**'Stamos** em pleno mar... Dois infinitos  
Ali se estreitam num abraço ins**ano**, (c)  
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...  
Qual dos dous é o céu? qual o oce**ano**?...(c)

**'Stamos** em pleno mar. . . Abrindo as velas  
Ao quente arfar das virações **marinhas**, (d)  
Veleiro brigue corre à flor dos mares,  
Como roçam na vaga as andor**inhas**...(d)

A partir da 5ª estrofe, o eu - lírico se pergunta quem é e de onde vem o barco que ele avista lá de cima.

Donde vem? onde vai? Das naus errantes  
 Quem sabe o rumo se é tão grande o **espaço**? (e)  
 Neste saara os corcéis o pó levantam,  
 Galopam, voam, mas não deixam **traço**.(e)

Bem feliz quem ali pode nest'hora  
 Sentir deste painel a majestade!(f)  
 Embaixo — o mar em cima — o firmamento...  
 E no mar e no céu — a imensidade!(f)

Tal lugar é dimensionado pela hipérbole, contida na iteratividade de expressões que conotam grandeza, pois ele passa a mencionar a imensidão, o sem fim, a ponto de poder existir até dois infinitos. Na 10ª estrofe, o eu lírico se refere ao barco em si, o barco que foge das suas vistas:

Por que foges assim, barco ligeiro?  
 Por que foges do pávido poeta?(g)  
 Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira  
 Que semelha no mar — doudo cometa!(g)

Na última estrofe, o eu lírico faz um apelo sob a forma imperativa: “Esperai! Esperai!”, o eu lírico aparece com a marca pessoal em primeira pessoa (“deixa que **eu** beba...”). E a cena é acompanhada pela música do mar; os sons são criados pelas sensações auditivas que os verbos “ruge” e “assobia” denotam. É o som da “Orquestra”. Ele também faz referência ao pássaro dos mares “albatroz”, que sempre vê tudo de cima, na última estrofe da primeira parte:

“Albatroz!Albatroz! águia do oceano,  
 Tu que dormes das nuvens entre **gazas**, (h)  
 Sacode as penas, Leviathan do espaço,  
 Albatroz!Albatroz! dá-me estas **asas**.”(h)

O poeta se refere ao pássaro que sobrevoa sobre os mares e tudo vê, e então pede as suas asas emprestadas para se aproximar e contemplar de perto tamanha beleza. A geração de poetas a qual Castro Alves pertencia era conhecida como a geração Condoreira, pois tinha uma visão maior e além do senso comum. Fica subentendido, nesta primeira parte, a mensagem de que de longe tudo é



poético, tudo parece belo.

A segunda parte do poema é composta por 4 décimas, 40 versos em redondilha maior, rimas externas, perfeitas, variando entre ricas e preciosas e em posições igualmente variadas: ABAB (alternadas), CC (paralela) e DEED (interpoladas), que se fixam nessa sequência em todas as estrofes dessa 2ª parte.

Que importa do nauta o **berço**,(a)  
 Donde é filho, qual seu **lar**?(b)  
 Ama a cadência do **verso** (**a**)  
 Que lhe ensina o velho **mar**! (b)  
 Cantai! que a morte é **divina**!(c)  
 Resvala o brigue à **bolina** (**c**)  
 Como golfinho **veloz**. (d)  
 Presa ao mastro da **mezena** (**e**)  
 Saudosa bandeira **acena** (**e**)  
 As vagas que deixa ap**ós**. (d)

O eu lírico ainda é idílico e, embora elíptico, mantém certa personalidade por meio da interlocução com os marinheiros de diferentes nacionalidades por meio da 2ª pessoa do plural:

“Nautas de todas as plagas  
**Vós** sabeis achar nas vagas  
 As melodias do céu!...”.

Nessa segunda parte do poema, o eu lírico questiona-se sobre a nacionalidade do barco que segue ligeiro em alto mar, e se concentra nos marinheiros. Mas, como o afirma o eu lírico, “*Que importa a nauta o berço*”, todo navio no oceano é cheio de poesia e de saudades. Cada nação tem um canto diferente: os espanhóis se lembram das belas mulheres da Andaluzia, e os gregos dos cantos de Homero. Essa metáfora que o poeta usa para fazer referência aos povos que tinham o desejo de descoberta e conquista do mundo exterior representa a epopeia dos povos que desbravaram os mares atrás de descobertas e conquistas, sem problematizar claramente que esses grandes feitos também, para alcançarem a glória que os marcou na história, usavam da exploração de seres humanos.

É possível observar esse encantamento do eu lírico e associá-lo à exaltação que Camões faz em “Os Lusíadas”, ao enaltecer as naus e os

portugueses que saíram de Portugal para conquistar novos mundos, engrandecendo a história lusa. O poeta nos sugere, historicamente, que existiria uma Espanha, uma França, uma Itália ou uma Inglaterra, as potências da época mencionadas por ele, como colonizadoras benevolentes e justiceiras, quando sabemos qual foi o comportamento histórico delas. Estaria o poeta propondo uma ironia? Não é possível afirmar pelo tom grandiloquente do poema, mas é uma alternativa que, embora não seja explorada neste trabalho, pode ser pensada por próximos pesquisadores do poema.

Do Espanhol as cantilenas (f)  
 Requebradas de langor, (g)  
 Lembram as moças morenas, (f)  
 As andaluzas em flor! (g)  
 Da Itália o filho indolente (h)  
 Canta Veneza dormente, (h)  
 — Terra de amor e traição, (i)  
 Ou do golfo no regaço (j)  
 Relembra os versos de Tasso, (j)  
 Junto às lavas do vulcão! (i)

Cada nação tem o seu canto, a sua epopeia, as suas conquistas, as suas histórias, menos aquela cuja bandeira aponta no barco observado. As partes seguintes do poema serão um contraponto à grandiosidade e à beleza construídas nas primeiras partes. O próximo movimento do poema demonstrará a crueldade do tratamento do povo negro pelo tráfico de escravos, cujo canto, epopeia, e cujas conquistas e histórias serão anuladas sem chance de mostrar a sua grandeza. A segunda parte termina com versos que englobam todos os marinheiros: “Nautas de todas as plagas”, em um conjunto que aprecia a viagem.

A terceira parte do poema, a mais breve, é composta por apenas 1 sextilha de versos alexandrinos, rimas externas, perfeitas, ricas e preciosas, nas seguintes posições: rimas AA paralelas, BCCB interpoladas. Nessa parte, o eu lírico empresta as asas do pássaro albatroz e se aproxima do barco e nos dá uma visão panorâmica do que acontece dentro do navio. Ao se aproximar ele espanta-se com o que vê, pois o que encontra no navio não é canto de saudade e poesia, mas a orquestra fúnebre, e o que se vê no navio é vil. Para construir essa cena espantosa, o poeta faz uso de exclamações e reticências. As reticências dão espaço/tempo para o eu lírico olhar e entender com o que é que ele se depara ao adentrar no navio, pois ele está surpreso com o quadro de horror, que contraria a expectativa do belo. A

cena é criada com palavras de terror: “amarguras”, “funeral”, “tétricas”, “ infame e vil”. O eu lírico, ao contrário das duas primeiras partes, repudia o que vê.

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!(a)  
 Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano (a)  
 Como o teu mergulhar no brigue voador! (b)  
 Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras! (c)  
 É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ... (c)  
 Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror! (b)

A quarta parte é composta por 6 sextilhas e 36 versos, rimas externas que variam entre pobre, rica e preciosa; as rimas AA são paralelas, BCCB interpoladas, sequência que permanece em todas as estrofes dessa parte. O eu lírico nessa parte é impessoal, ele adentra o navio e descreve os horrores que vê: uma multidão de negros, mulheres, velhos e crianças, todos presos uns aos outros, compõem uma dança macabra, muito bem marcada, como uma imagem que complementa a sonoridade da orquestra terrível que surge dos chicotes dos marinheiros. Nessa parte, ocorre a mudança de cena e do cenário, na descrição das imagens o poeta passa do estado lírico para o dramático. A descrição das cenas de horror é longa e decorre em todas as estrofes. Podemos observar uma referência ao Inferno de Dante: “Era um sonho dantesco”. A cor vermelha remete ao sangue dos homens que ali eram violentados pelos marinheiros (“Tinir de ferros...Estalar de açoite...”).

Era um sonho dantesco... o tombadilho (a)  
 Que das luzernas avermelha o brilho. (a)  
 Em sangue a se banhar. (b)  
 Tinir de ferros... estalar de açoite... (c)  
 Legiões de homens negros como a noite, (c)  
 Horrendos a dançar... (b)

Na segunda estrofe, o eu - lírico se concentra nas mulheres que amamentam os seus filhos não com leite, mas com sangue. Outras mulheres mais jovens que são arrastadas, forçadas pelos marinheiros que abusavam de seus corpos nus. Podemos observar uma aliteração em S que cria uma sonoridade nos versos abaixo:

Negras mulheres, **suspendendo às tetas**  
 Magras crianças, **cujas bocas pretas**  
 Rega o **sangue das mães:**  
 Outras moças, **mas nuas e espantadas,**  
 No turbilhão de **espectros arrastadas,**  
 Em **ânsia e mágoa vãs!**

Na terceira estrofe da 4ª parte do poema, podemos observar alguns paradoxos: não se ouve prantos, mas a “orquestra irônica” que emerge da dança macabra que é assim marcada pelo símbolo do mal: a serpente (“*E da ronda fantástica a serpente/ faz doudas espirais*”). A expressão de sofrimento e crueldade pode ser notada neste verso: “*Ouvem-se gritos...o chicote estala*”. *Nesta parte pode-se notar a animalização do negro que assola a humanidade dos negros.*

O ritmo das rimas dão movimento e sonoridade ao poema, os versos se alternam em dois decassílabos com sequência em redondilhas menores em toda a extensão da quarta parte. Podemos observar na estrofe abaixo:

Preso nos elos de uma só cadeia, (**decassílabo**)  
 A multidão faminta cambaleia, (**decassílabo**)  
 E chora e dança ali! (**redondilha menor**)  
 Um de raiva delira, outro enlouquece, (**decassílabo**)  
 Outro, que martírios embrutece, (**decassílabo**)  
 Cantando, geme e ri! (**redondilha menor**)

Podemos observar nos versos acima a presença de alguns paradoxos que contrastam entre a alegria do opressor e a tristeza do oprimido. A paixão com que o poeta descreve o estado lastimável das figuras do navio caracteriza o sentimentalismo e o sofrimento do Romantismo. Nessa parte do poema, o poeta usa de muitas metáforas para descrever o cenário violento. As principais imagens criadas a partir dessas metáforas são as dos ferros que rangem, formando uma espécie de música e da orquestra de marinheiros que chicoteiam os escravos. Uma das metáforas que Castro Alves usa na quarta parte do poema é sobre os densos nevoeiros. O nevoeiro impede que as vítimas reconheçam os seus torturadores e aqueles que ordenam a barbárie. Todo esse espaçamento opaco e coberto de densos nevoeiros colabora com a elaboração da violência. A relação entre a música e a dança com a tortura e o sofrimento dão uma grande carga poética à descrição da cena. No final, quem ri da dança insólita é o próprio Satanás, como se aquele

fosse um show de horrores feito para o diabo por aqueles que se julgavam cristãos. O capitão é o próprio Satanás: *E ri-se Satanás!*... Nesta expressão, fica concentrado o repúdio à brutalidade. Só mesmo a própria representação cristã do mal poderia praticar tamanha atrocidade. E faz a repetição da própria estrofe, cuja metade é a mesma do início desta parte:

E ri-se a orquestra irônica, estridente...  
E da ronda fantástica a serpente  
Faz doudas espirais...

A quinta parte é composta por 9 décimas, totalizando 90 versos, é a parte mais longa do poema. O esquema rítmico da primeira, da segunda e da última estrofe é o mesmo (AA, BB, DCCD o primeiro e o terceiro verso são brancos). Nas demais estrofes, a sequência é feita com rimas ABAB alternadas, CC paralelas, DEED interpoladas, novamente em redondilhas maiores. As rimas são externas e variadas entre pobre, rica e preciosa.

### 1ª estrofe:

Senhor Deus dos desgraçados!  
Dizei-me vós, Senhor Deus!(a)  
Se é loucura... se é verdade  
Tanto horror perante os céus?!(a)  
Ó mar, por que não apagas (b)  
Co'a esponja de tuas vagas (b)  
De teu manto este borrão?... (c)  
Astros! noites! tempestades! (d)  
Rolai das imensidades! (d)  
Varrei os mares, tufão! (c)

### 3ª estrofe:

São os filhos do deserto, (a)  
Onde a terra esposa a luz. (b)  
Onde vive em campo aberto (a)  
A tribo dos homens nus... (b)  
São os guerreiros ousados (c)  
Que com os tigres mosqueados (c)  
Combatem na solidão. (d)  
Ontem simples, fortes, bravos. (e)  
Hoje míseros escravos,(e)  
Sem luz, sem ar, sem razão... (d)

Na quinta parte, o poeta mostra a sua indignação perante o navio negreiro e interpela a Deus e a fúria do mar para que acabem com tal infâmia. “*Senhor Deus*

*dos desgraçados!"; "Ó mar, por que não apagas; Co'a esponja de tuas vagas; De teu manto este borrão?..."*. O eu lírico está confuso e espantado e tenta entender aquela atrocidade, indignado com tamanha crueldade. *"Dizei-me vós, Senhor Deus! Se é loucura...se é verdade Tanto horror perante os céus"*. O poeta interpela Deus em um questionamento de como é possível tamanha crueldade diante de seus olhos. A partir da violência narrada, o leitor pode ter acesso à desumanidade com que os negros eram tratados dentro dos navios. O poeta faz dessa parte do poema a mais longa para demonstrar esses horrores. A cena fúnebre sobrepõe-se ao deslumbramento das duas primeiras partes do poema.

A primeira estrofe é repetida no final, como se o pedido fosse reforçado pelo poeta. No meio da quinta parte, as imagens da liberdade no continente africano são intercaladas com a prisão no navio. A noite escura e aberta da savana se transforma em um porão escuro, cheio de doenças e morte. As condições desumanas do transporte de escravos são descritas de forma poética, realçando a desumanização. Também na quinta parte do poema, o poeta tenta identificar quem são os homens tratados de maneira horrenda pelos marinheiros, quem são esses sujeitos animalizados, tratados como coisas, como se não tivessem história. Castro Alves descreve, respondendo às indagações, a terra onde viviam antes, a liberdade (*"Onde vive em campo aberto"*), mostrando que eles eram homens livres que foram escravizados. O poeta usa da repetição, marcadora de um ritmo, para enfatizar a pergunta: "Quem são?..." . Podemos observar nas palavras *deserto, tribo, guerreiros, fortes, bravos*, elementos que mostram que Castro Alves conhecia sobre a cultura de origem desses povos.

“Quem são estes desgraçados  
 Que não encontram em vós  
 Mais que o rir calmo da turba  
 Que excita a fúria do algoz?  
 Quem são? Se a estrela se cala,  
 Se a vaga à pressa resvala  
 Como um cúmplice fugaz,  
 Perante a noite confusa...  
 Dize-o tu, severa Musa,  
 Musa libérrima, audaz!...”

“São os filhos do deserto,  
 Onde a terra esposa a luz.  
 Onde vive em campo aberto

A tribo dos homens nus...  
 São os guerreiros ousados  
 Que com os tigres mosqueados  
 Combatem na solidão.  
 Ontem simples, fortes, bravos.  
 Hoje míseros escravos,  
 Sem luz, sem ar, sem razão. . .”

O eu - lírico descreve por um processo antitético, em que estrofe uma indagará, por exemplo, “*Quem são estes desgraçados*”, outra alternará: “*São os filhos do deserto... A tribo dos homens nus*”; de novo: “*São mulheres desgraçadas*” e a outra: “*Lá nas areias infindas... crianças lindas*”; mais uma vez: “*Depois o areal extenso... e Ontem a Serra-Leoa,... Sob as tendas d’amplidão...*”. O nome da África não é mencionado, mas sempre identificando-a nos *guerreiros ousados, tigres mosqueados, homens simples, fortes, bravos...* e cá, no navio, *hoje, míseros escravos, cúm’lo de maldade / Nem são livres p’ra... morrer...*. O deserto é o espaço aberto de liberdade e igualdade de um povo nômade. A nudez dos homens e das mulheres é a metáfora da ausência da acumulação de riquezas. Um povo que antes era livre e feliz, mas agora com as caravanas tudo isso é saudade para os negros. Castro Alves usa as exclamações no poema como um suporte ao seu tom de indignação e repúdio ao ato escravocrata. Nessa quarta parte, Castro Alves devolve a humanidade aos negros que eram tratados como mercadorias.

A sexta e última parte do poema é composta por 3 estrofes, a primeira é uma décima, a segunda uma sextilha e a terceira uma oitava. O esquema rítmico nessa parte é marcado novamente pelo decassílabo heroico. Na primeira estrofe, as rimas permanecem externas e a sequência é ABABAB alternadas, CC paralelas, e os dois últimos versos entram no esquema rítmico da segunda estrofe: DEDEDE alternadas, FF paralelas e na última estrofe GHGHGH alternadas e II paralelas. A qualidade das rimas varia entre pobre, rica e algumas preciosas como ao longo de todo poema.

Existe um povo que a bandeira empresta (a)  
 P’ra cobrir tanta infâmia e cobardia!... (b)  
 E deixa-a transformar-se nessa festa (a)  
 Em manto impuro de bacante fria!... (b)  
 Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta, (a)  
 Que impudente na gávea tripudia? (b)  
 Silêncio. Musa... chora, e chora tanto (c)  
 Que o pavilhão se lave no teu pranto!... (c)

Auriverde pendão de minha terra, (d)  
Que a brisa do Brasil beija e balança, (e)

Estandarte que a luz do sol encerra (d)  
E as promessas divinas da esperança... (e)  
Tu que, da liberdade após a guerra, (d)  
Foste hasteado dos heróis na lança (e)  
Antes te houvessem roto na batalha, (f)  
Que servires a um povo de mortalha!... (f)

Fatalidade atroz que a mente esmaga! (g)  
Extingue nesta hora o brigue imundo (h)  
O trilho que Colombo abriu nas vagas, (g)  
Como um íris no pélogo profundo! (h)  
Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga (g)  
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo! (h)  
Andrada! arranca esse pendão dos ares! (i)  
Colombo! fecha a porta dos teus mares! (i)

Na quinta parte, o eu - lírico busca descobrir a identidade e a origem dos negros (do oprimido), na sexta parte ele busca identificar os responsáveis por tal atrocidade (o opressor). O poeta questiona qual é a bandeira que, hasteada nesse navio, é responsável por tal barbaridade. É uma retomada da segunda parte do poema. Se antes a bandeira não importava, agora ela é essencial perante o sofrimento que o navio carrega. O que se vê hasteada é a bandeira do Brasil, pátria do poeta. O sentimento de desapontamento é grande e ele realça as qualidades do seu país, a luta pela liberdade e toda esperança que reside na nação e que agora é manchada pelo tráfico de escravos. A tragédia ao mar, o horror da escravidão se sobrepõe à beleza da natureza pela qual o Brasil era reconhecido na literatura romântica. Castro Alves, na terceira estrofe, se refere à história do Brasil que lutara pela independência, da qual o poeta se orgulhava, agora era a história de covardia da qual ele se envergonhava.

A crítica ao tráfico de escravos não impede o patriotismo do poeta. É o seu patriotismo que leva à crítica. A sua visão do Brasil como um lugar de liberdade e do futuro é incompatível com a escravidão. Mesmo sendo um liberal, Castro Alves não deixa de lado a religiosidade, traço comum ao Romantismo a que ele esteticamente se filiava, clamando a Deus uma intervenção divina no tráfico negreiro. No último trecho da última estrofe, o poeta usa a metáfora para exclamar e suplicar o fim daquele show de horrores que foi motivado pela ganância dos povos



descobridores e cita o grande desbravador dos mares, o pioneiro Colombo, com a exclamação, em tom de revolta e indignação, ele interpela a Colombo que feche as portas dos mares e cesse tamanha atrocidade.

A poesia de Castro Alves, segundo Candido (2000), existe “primeiro em conjunto, em seguida nas partes, nos pontos de ossificação da imagem e do ritmo interno”. Há sempre uma espécie de eco nos seus versos. O “Navio Negreiro” em que a riqueza da sua linguagem expressiva e dramática se sobressai ao senso de realidade é o que caracteriza o seu Romantismo. Eis que, em pleno processo capitalista no Brasil, surge a primeira crítica ao sistema, e, mais do que isso, uma crítica moral à uma sociedade fundada pela exploração do trabalho escravo. Além de narrar as mazelas da escravidão, Castro Alves usa o tom de indignação e revolta que rompe com o movimento antigo do Romantismo, que lançava o olhar para o eu, e lança a sua visão para o mundo do outro. As palavras do poeta tentam descrever a cena infame do tombadilho e tentam, numa atitude profética, denunciar o processo de animalização do homem pelo sistema colonial europeu.

Segundo Candido (2000), Castro Alves, convicto do intervalo existente entre a condição efetiva da catástrofe vivenciada pelo escravo, em seu texto, recorre às pausas, às aliterações, às reticências, aos intervalos, como se através de cada um desses recursos gramaticais a voz do outro pudesse eclodir de maneira mais significativa. O poeta soube muito bem explorar em seu poema a sua dimensão imagética. O olhar lírico do poema em questão é dialético. Ele deixa de ser lúdico, como na primeira parte, para ser fúnebre, na quarta parte.

A obra revela a violência cometida contra o negro em que a tortura assume o caráter de um espetáculo. Os donos do poder e seus algozes comportam secretamente um ódio descomunal pelo corpo do negro escravo. O negro serve apenas como mão de obra barata na produção capitalista. A poesia de Castro Alves tem relação com a realidade de seu tempo. O compromisso do poeta é com a poesia engajada na intenção de criticar e suscitar no meio social o sentimento de revolta e indignação.

### 3. ANÁLISE DO NAVIO NEGREIRO DE SLIM RIMOGRRAFIA (2011)

A proposta deste capítulo é fazer uma leitura da canção “Navio Negreiro”, do rapper Slim Rimografia, que foi lançada no ano de 2011. O rapper foi convidado pela editora Panda Books para criar uma nova versão da obra de Castro Alves. O texto de Slim faz parte de uma edição especial do poema, que inclui o texto original e é ilustrada com fotos de grafites feitos em muros da periferia de São Paulo, pelo coletivo Objetos Pixadores Não Identificados (OPNI). O rapper, então, cria uma canção de RAP com a versão do poema de Castro Alves adaptada para os dias de hoje. A canção de Slim tem um potencial temático da História e da Cultura afro-brasileira que propõe o reconhecimento da presença e dos valores sociais e humanos que compõem a identidade do nosso país. A canção dá continuidade ao texto de Castro Alves e o atualiza na voz de um homem negro, morador da periferia. É válido ressaltar que os espaços de fala de Castro Alves e Slim Rimografia não são os mesmos, o *rapper* ocupa o espaço de fala de um homem negro, morador da periferia, e sua fala é de protagonista e não de espectador, como no poema castroalvista, em que o autor denunciava, de maneira engajada, os horrores que via, mas não vivia.

Valter Araújo de Souza, cujo nome artístico é Slim Rimografia, nasceu na Zona Sul de São Paulo, na comunidade M’Boi Mirim, que fica no bairro Jardim Ângela, no ano de 1978. Ele é *rapper*, cantor e também compositor, é conhecido como um dos principais nomes do *Freestyle Rap* no país. Lançou seu primeiro álbum em 2003, intitulado “Financeiramente pobre”. Suas influências para as composições baseiam-se em todas as vertentes da música brasileira: Samba, MPB, Bossa Nova, ritmos regionais e folclóricos e também no Jazz e no Rap Nacional e Internacional. O *rapper* começou a sua relação com a cultura Hip-Hop em 1996, quando começou a participar de grupos grafiteiros da comunidade em que vivia. Em 2001, começou a participar de batalhas de *Freestyle*, e foi então que surgiram suas primeiras composições. O seu nome artístico veio de seu grafite, que ele assinava como Slim (que vem de magro em inglês, como era o seu apelido) e quando começou a compor suas letras de Rap, agregou o Rimografia. Seus versos tiveram

como inspiração os poetas da <sup>1</sup>Cooperifa: Sérgio Vaz, Akins Kintê, Elizandra Souza, entre outros. A grande obra de destaque de Slim Rimografia é a canção “Navio Negroiro”, que contextualiza a realidade do negro periférico no Brasil.

---

<sup>1</sup> Cooperifa é o movimento cultural de atividade poética da periferia para a periferia, com o intuito de estimular o contato da comunidade com a literatura e proporcionar um espaço de fala para os poetas locais.

### 3.1 LITERATURA PERIFÉRICA E RAP

Segundo Heloísa Buarque (2018), em diálogo sobre Centralidade Periférica, há um esforço dos estudiosos da Literatura Periférica para entender esse fenômeno literário que aparece como a grande novidade cultural da última década, que é a produção literária com a marca da periferia. Antes de ser chamada de Literatura Periférica, esse tipo de literatura era conhecido como Literatura Marginal. No ano de 2005, aconteceu o I Encontro de Literatura Periférica, em São Paulo e, desde então, o novo termo emergiu. O movimento literário das periferias tem muitas denominações (marginal, periférica, divergente, literatura negra, literatura Hip-Hop), mas o termo que se fixou para representar o movimento foi Literatura Periférica. Segundo Érica Peçanha do Nascimento, em diálogo sobre Centralidade Periférica (2018):

Esse fenômeno que a gente chama de Literatura Periférica se refere à projeção de escritores que são predominantemente originários das camadas populares, predominantemente identificados como negros e que por meio das suas narrativas ficcionais, ou não, estão trazendo para o corpo literário coletivamente a partir de temas, personagens e linguagens que refletem essas margens do urbano e que colocam uma série de tensões para o acadêmico (PEÇANHA, 2018, min: 40:49 ao 41:16).<sup>2</sup>

A denominação “Literatura Marginal” surgiu com o escritor Ferréz no ano de 2000, após a publicação de seu livro “Capão Pecado”. Em meio a questionamentos sobre a que tipo de literatura a sua obra pertencia, ele cria essa expressão como a justificativa de que esse tipo de literatura é produzida pelas pessoas que estão à margem da sociedade. A expressão “marginal” está relacionada à marginalidade (social, cultural, editorial, política) e os seus temas, valores e linguajar são igualmente marginais. Os escritores visavam “dar voz” ao seu grupo social de origem por meio de relatos dos problemas sociais que os acometem e ressignificar a periferia por meio da valorização de sua cultura, além de estimular essa produção e a circulação cultural. A periferia começava a falar por si.

A escrita de Ferréz teve como influência o movimento Hip-Hop e o RAP. O seu trabalho serviu como fonte de inspiração para muitos autores que vieram depois

---

<sup>2</sup> As citações dos vídeos foram transcritas pela autora desse estudo.

dele representando a voz das periferias. A Literatura Periférica, por sua vez, foi marcada pela ascensão de saraus, principalmente o Sarau da Cooperifa que ampliou o espaço de fala da periferia. A Cooperifa é parte importante desse movimento, pois estimulou o surgimento de mais de 50 saraus de poesia em outras regiões de São Paulo. No ano de 2005, a obra *Vão*, de Allan da Rosa, foi lançada no evento nomeado pelo próprio autor como I Encontro da Literatura Periférica. Cerca de 200 pessoas, muitas delas membros da Cooperifa, participaram do evento, que foi um grande recital e teve algumas falas políticas. Poetas e escritores de toda a São Paulo compareceram à ONG Ação Educativa, onde aconteceu o evento que teve como principal tema a exaltação da cultura negra. Após esse evento, firma-se, portanto, o termo Literatura Periférica. Segundo William, (1979, p.126), “O termo periférico dá um significado positivo de afirmação, Literatura Periférica é uma manifestação cultural da periferia e está continuamente criando novos significados, valores, práticas e relações”.

O poeta Sérgio Vaz fala sobre o que é a Literatura Periférica em diálogo sobre Centralidade periférica (2018):

Literatura Periférica é feita por gente que mora na periferia, é uma Literatura que, acima de tudo, não está só no papel, a gente pode ler todos os livros do mundo que a gente não vai entender. Naquelas páginas, há muita lágrima, muita dor, muito amor, há muito sofrimento ali, há muita coisa que ainda não foi dita, foi dita de outros países, outras épocas, outros tempos, mas ninguém quer dizer o que está acontecendo hoje, agora, com negros, com os pobres, com os índios, com as mulheres, com os gays. Sobrou para nós contar a nossa história. O que a gente quer é que esse jovem tenha conhecimento da arte, da cultura para formar o seu caráter cidadão, o que a gente faz é por amor à comunidade, porque a gente cresceu aqui e vive aqui, tem que ser voltado para periferia, porque você começa a dar voz às pessoas que não têm voz. A gente tá falando de gente da favela, gente que mora nos becos, nas ruas, gente que sofre violência policial, violência do estado, dos ricos, dos brancos, de quem quer seja, e, quando a gente defende isso, a gente esquece um pouco o lirismo e deixa de lado as coisas belas da palavra, a gente fala a verdade (VAZ, 2018, min: 32:16 ao 33: 17) .

O movimento dos saraus literários teve início com a Cooperifa que, desde outubro de 2001, vinha organizando seus encontros semanais no Bar do Garajão, em Taboão da Serra, Região Metropolitana de São Paulo. Foi criado pelos poetas Sérgio Vaz e Marco Pezão. Dois anos depois, o saraus da Cooperifa se mudou para

o Bar do Batidão, periferia da Zona Sul de São Paulo. Nos saraus são recitadas poesias autorais, letras de canções e muita música de RAP com temas que abordam a realidade da periferia, em uma representação lírica, para narrar as suas vivências. Uma das características principais dessa literatura é a oralidade. No ano de 2004, foi publicada, em parceria com o Itaú Cultural, a primeira coletânea chamada “O rastilho da pólvora – antologia poética do sarau da Cooperifa”, tendo somente poesias escritas pelos participantes dos saraus. A obra traz 61 poemas, de 43 autores, foi vendida de mão em mão pelos próprios autores. Foi a primeira coletânea de um sarau dando origem a outras que surgiram após essa publicação, e fortaleceu o movimento.

Para Haal (2011): “Toda a originalidade da Literatura Periférica está na força popular, pois é uma produção emanada das classes populares que nelas são referenciadas e para elas voltadas num movimento de auto valorização” (HAAL, 2011, p. 323). A linguagem apresentada nos textos é uma linguagem própria, com neologismos, gírias e, muitas vezes, a própria linguagem falada nas periferias, como forma de valorização das suas manifestações linguísticas características. Segundo Érica Peçanha em diálogo sobre Centralidades Periféricas (2018, min: 51:26 ao 51:46) sobre as características da literatura periférica: “é possível identificar um projeto de ação estética que consiste em recriar essas vivências, essas trajetórias, as práticas, os valores desses sujeitos com o espaço social da periferia”.

Peçanha (2018, min:52:17) acrescenta sobre as temáticas: “foram se diversificando para além das questões da violência, da pobreza e do cotidiano da periferia para os conflitos de classe, protesto social, relações de trabalho, erotismo, questões raciais e feminismo periférico”.

Ainda há certa resistência no reconhecimento da Literatura Periférica como Literatura. Segundo Candido(1989), a literatura é tudo aquilo que tem toque poético, ficcional ou dramático nos mais distintos níveis de uma sociedade, em todas as culturas, portanto, é de suma importância o reconhecimento desse tipo de produção como literatura, pois o toque poético, ficcional e dramático também está presente e caracteriza a escrita e a fala da periferia. O poeta Sérgio Vaz argumenta (em diálogo sobre Centralidades Periféricas,2018):

Talvez não seja ainda literatura, porque a gente tá escrevendo uma coisa que a gente tem vontade ainda de ser gente nesse país, de ser

tratado como brasileiro, como ser humano, é disso que a gente escreve, a gente quer se libertar ainda da senzala, da escravidão que o mundo nos coloca e é preciso escrever já que alguns escritores não têm tempo para isso e talvez não sinta tanto quanto a gente (VAZ, 2018, min: 33:31 ao 33:55).

Candido (1989) defende a literatura como um direito essencial e indispensável a todo ser humano, pois ela proporciona a humanização do homem. E em tempos como o de hoje, aquilo que o homem mais precisa é de humanização. Ouvir as vozes da periferia possibilita o indivíduo a reconhecer a realidade do outro e ressignificar o seu ponto de vista sobre essa realidade. Candido (1989) sobre o direito à literatura:

Pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo.[...] É necessário um grande esforço de educação e auto-educação a fim de reconhecermos sinceramente este postulado. Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo (CANDIDO, 1989, p 110).

Num dos ensaios que inseriu em seu livro *Literatura e Sociedade*, Antônio Candido levanta a questão sobre a influência da literatura no meio social, e vice versa, ele pergunta: “qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra?”, que deve ser complementada por outra: “qual a influência exercida pela obra sobre o meio?” (CANDIDO, 1985, p. 18). Candido ainda nos mantém no âmbito de uma interrogação acerca da relação que se resume do seguinte modo: de que maneira a arte se comunica com a sociedade da qual deriva e para a qual, seja como for, há de voltar sempre no final? A literatura aparece como um sistema simbólico por meio do qual as vontades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens e de interpretações das diferentes esferas da realidade. Para Heloísa Buarque de Holanda (2018), a gente não sabe nada de periferia, “a periferia não é o que a gente pensa” (HOLANDA, 2018, em diálogo sobre *Centralidades Periféricas*, min: 1:39:10), a literatura é um meio de comunicar as pessoas sobre outras realidades e descobrir outros horizontes.

A Literatura Periférica tem uma originalidade e é repleta de influência do RAP (*Rythm and Poetry*), J.C.G Silva (1999) afirma que os rappers não são apenas grupos musicais no sentido estrito, mas parte de um movimento estético-político

surgido no final dos anos 1970, nos EUA, composto em grande maioria, por jovens negros e pobres de bairros periféricos e de guetos. O RAP faz parte do movimento Hip - Hop , assim como o grafite e o Break (dança). Esse movimento representa uma crítica social a respeito das questões vivenciadas no cotidiano das periferias; é a tomada da arte como instrumento de engajamento político capaz de reconstruir a identidade negra. Muitos estudos sugerem que a origem do RAP se deu nos EUA, entretanto, há autores que afirmam que a sua origem remete ao canto falado africano, adaptado à música jamaicana da década de 1950 e influenciado pela cultura negra dos guetos americanos no pós guerra.

O RAP significa resistência cultural, constitui um meio de dar voz à identidade negra por meio da música. O RAP teve como influência o *blues*, o *soul*, o *funk*, o *rock*, o *reggae*, o samba, o maracatu e muitos ritmos. A consolidação do RAP aconteceu como consequência de um momento histórico marcado pelo embate entre a segregação racial e o movimento de luta pelos direitos civis dos negros, desencadeado a partir de 1960 nos EUA e disseminado para outros países.

Conforme Pimentel (1997), o RAP chegou ao Brasil no início dos anos 80 e se caracterizou como expressão musical que exprime aqui, também, o universo da população negra periférica, e tem como principal marca o objetivo de denúncia do racismo e da marginalização da população negra e pobre, e a (re)construção da identidade dessa população. O RAP, é, portanto, a maior fonte de inspiração para a Literatura Periférica.

O que é o RAP para os produtores de RAP do século XXI? Abaixo seguem trechos da fala de alguns rappers da atualidade no documentário “O RAP pelo RAP (2015):

**DJ Nyack:**

O poder que uma música pode fazer, sabe?  
Foi o que aconteceu comigo! De uma pessoa que está mal pra caramba, colar numa festa e ouvir um som *foda* que o DJ tocou e dar uma autoestima pro cara procurar um *trampo* no outro dia, saca? Ou continuar batalhando no seu sonho. O RAP é tudo para mim, mudou minha vida (min:3:33 ao 3:44).

**Karol Conká**

O RAP representa para mim, primeiro de tudo, libertação, é onde eu me senti mais à vontade para falar o que eu queria, que em outros estilos musicais jamais poderia falar de temas que eu falo no RAP, segundo, é coração, e terceiro uma responsabilidade muito grande (min:4:36 ao 4:42).



**Red Niggaz Motim**

Faz o olho brilhar *memo*, depois que você entende a parada e você começa a ver que quanto mais você escreve, melhor você fica e você consegue retratar suas angústias, seus desesperos, sua raiva do mundo, enfim, é pra *nóis* fazer hoje e ser estudado no futuro, saca? (min: 4:54 ao 5:12).

**Flow MC**

O álbum dos Racionais “Sobrevivendo no Inferno” trouxe muita reflexão sobre a realidade do negro na favela, “Negro Drama” incentiva, MV Bill, Racionais, Sabotagem são as maiores influências que abordam referências históricas e um reconhecimento de mundo, da sociedade e da realidade. O RAP conscientiza, aconselha e liberta. É a ferramenta de transformação (min:5:45 ao 5:55).

**Marcello Gugu**

O Rap me transformou completamente, eu comecei a me entender, a entender o mundo ao meu redor, o porquê que as coisas não eram iguais para todo mundo, porque existia tanta diferença social, o preconceito racial brutal no Brasil, mas era uma coisa muito velada. Me situou no mundo, me deu um norte (min: 11:57 ao 12:16).

**Criolo:**

O verbo é falho, os símbolos e signos são falhos, para expressar a emoção, sentimento, qualquer coisa que eu venha falar do Rap eu vou diminuir ele, não estou à altura para falar do Rap, mas eu posso te dizer que o *bagulho* que me abraçou e falou que eu era capaz de sorrir. E sorrir no mundo que a gente vive hj é algo extremamente agressivo (min:12:32 ao 12:58).

**509 – E:**

O RAP salvou minha vida e me colocou no caminho certo, porque sendo pobre, preto e morando na periferia, eu não sei qual outro caminho eu seguiria se não fosse o RAP (min: 13:14 ao 13:21).

### 3.2 ANÁLISE DA CANÇÃO

A canção está em forma de texto poético, construída a partir de versos e estrofes. É composta por 8 estrofes e 115 versos. Dentre essas partes, o refrão é reproduzido quatro vezes, intercalado com cada um das outras partes. A primeira, a quarta, a sexta e a nona estrofes são o refrão que tem 11 versos. O refrão inicia e encerra a canção. É composto por versos soltos (brancos) em quase toda a estrofe, exceto no segundo e no quarto versos, em que aparece a rima AA interpolada. O eu lírico é pessoal, como podemos observar pela marca de terceira pessoa do plural “**Somos**” e “**Fomos**”, o que faz com que ele se inclua em um coletivo, no caso, o coletivo negro da periferia. O rapper usa essas expressões para dar a ideia de continuidade na história do Navio Negreiro de Castro Alves, por isso a canção tem o mesmo nome do poema, mas ele faz a transposição do Navio de Castro Aves para o seu tempo e a sua realidade. As marcas de terceira pessoa são repetidas em todos os versos do refrão, o eu lírico cria um laço entre o passado “**Fomos**” e o presente “**Somos**”, a partir dessas repetições. Essa parte da canção reafirma a história do negro:

**Somos** sonhos, **somos** luta  
**Fomos** mão de obra barata (a)  
**Somos** arte, **somos** cultura  
**Somos** ouro e **somos** prata (a)  
**Somos** índio, **Somos** negros  
**Somos** brancos, **somos** afrodescendentes  
**Somos** raça, **somos** povo  
**Somos** tribos, **somos** gente  
**Somos** sonhos, **somos** luta  
**Fomos** mão de obra barata  
**Somos** arte, **somos** cultura

A segunda estrofe é composta por 27 versos, que ganham ritmo e sonoridade por seu esquema de rimas externas, perfeitas e paralelas (AABBCC) presente em quase todos os versos, tendo alguns versos soltos entre eles e uma sequência em que três versos rimam paralelamente entre si (EEE):

Estamos em pleno mar, embarcações de ferro e **aço** (a)  
 Onde pessoas disputam palmo a palmo por um **espaço** (a)  
 Nesse imenso rio negro de piche e **asfalto** (b)  
 Cristo observa tudo calado de braços abertos lá do **alto** (b)  
 Onde a lei do silêncio impede que ecoe o grito do **morro** (c)

Dos poetas em barracos sem forro, que clamam por socorro (c) [...]

O mar separa o Brasil da África (**verso solto**)

Um rio separa as periferias das mansões de magnatas (**verso solto**)

Uniformes diferenciam funcionários de patrões (d)

A cor denuncia vítimas antigas de explorações (d)

Trazidos em porões e navios negreiros (e)

Tratados como animais, vendidos a fazendeiros (e)

Vivendo em cativ**eiros** (e) [...]

Nesse trecho, o eu - lírico situa o ouvinte no cenário atual, fazendo referência ao primeiro verso da I parte do poema de Castro Alves: *“Estamos em pleno mar”*. O poeta descreve em seu poema: o mar e as embarcações, porém Slim faz a adaptação com as metáforas (embarcações de ferro e aço) a partir do cenário em que está inserido hoje, na grande São Paulo, a capital comercial, em que a disputa por “espaços” se faz muito presente.

Como Castro Alves interpela ao ser divino (Deus) em seu poema, Slim também traz para a sua composição o aspecto religioso, Castro Alves interpela: “Dizei-me vós, Senhor Deus!; Se é loucura...se é verdade tanto horror perante os céus?!” incrédulo de como Deus possa permitir tamanha atrocidade. No verso dessa segunda estrofe: “Cristo observa tudo calado de braços abertos lá do alto”, Slim também se refere à convivência da igreja, dos cristãos, frente ao cenário de violência contra os negros que ainda acontece nos dias atuais. Nesta parte da canção: *“Onde a lei do silêncio impede que ecoe o grito do morro; Dos poetas em barracos sem forro, que clamam por socorro”*, o rapper se refere ao silenciamento social ao qual as periferias estão submetidas: Ele denuncia, também, o sistema legal, que trata o “morro” com desigualdade perante a lei.

Slim traz em seus versos da segunda parte: o racismo, a violência e as outras formas de escravidão. O rapper constrói as suas rimas a partir de palavras que soam como sinônimas, de acordo com a leitura que faz da situação social atual: Morro/socorro; patrões/explorações. Nesse trecho da canção, o eu - lírico tem uma percepção crítica daquilo que vê e vive. Ainda nesse trecho, ele interpela ao ouvinte e propõe uma reflexão: *“Me diz: quem são os heróis e quem são os bandidos? Quem merece honra, quem merece ser punido?”*

A quarta parte é composta por 20 versos, e o esquema rítmico é igualmente composto por rimas externas, paralelas (AABBCC) e perfeitas em quase todos os versos.

Fomos tratados como nada, trazidos como **bicho** (a)  
 Oprimidos e usados, dispensados como **lixo** (a)  
 Temos muito que mudar, a história não **acabou** (b)  
 A cada vida que por liberdade, como Cristo, se **sacrificou** (b)  
 Bisavós cuja a voz foi **silenciada** (c)

O *rapper* busca, na História, os fatos para construir os seus versos. A história da escravidão negra do Brasil, que tratava o negro escravizado como “coisa”, e faz referência, no primeiro verso descrito acima, a como o negro foi trazido em condições desumanas nos porões dos navios, como Castro Alves descreve em sua obra. Slim, nessa estrofe, faz alusão aos ancestrais africanos e usa a palavra “bisavós” para elucidar a proximidade entre a geração que foi escravizada e a geração atual. A partir do verso “*Temos muito que mudar, a história não acabou*”, o eu lírico interpeta ao ouvinte para pensar que a história de opressão dos negros ainda não acabou e é preciso que haja uma manifestação para que as mudanças sejam alcançadas. Podemos pensar sobre a nossa posição frente a nossa história, a história que está acontecendo, a nossa história que será contada e qual é a posição que nós ocupamos nessa sociedade racista e o que fazemos para transformar essa realidade.

Nessa parte da canção, o eu lírico permanece engajado nas denúncias, ele afirma que a escravidão ainda existe, mas, nos dias de hoje, ela acontece de outras formas:

Escravidão ainda existe em cada olhar triste nas esquinas  
 Nos becos e vielas, nos sonhos em ruínas  
 No esgoto a céu aberto, na criança desnutrida  
 Nas mãos que pedem esmola nas ruas e avenidas [...]

Slim transforma o navio em uma metáfora que remete todo sofrimento e as formas de exploração com as quais o negro é tratado.

O navio hoje é barca sem vela, só sirene  
 Navegando na estrada, hoje volante, ontem lemes  
 O porão é chiqueiro de camburão

O *rapper* faz um paralelo entre a história do período escravista com a história atual: “*Senzala virou presídio, Quilombo é favela [...]*”. Assim como Castro Alves questiona a pátria que cobria a covardia da escravidão, Slim também se refere

à pátria como cúmplice da barbárie. *“Filhos da pátria amada, idolatrada mãe gentil Onde tu estavas que tamanha atrocidade não viu”*.

Na quinta parte da canção, Slim inclui a segunda estrofe da IV parte do poema de Castro Alves, na canção, narrado na voz de Dona Edite (poeta da Cooperifa), que recitou o poema em um dos saraus da periferia. Essa inclusão, além de reverenciar os saraus e os/as poetas locais, nos remete à ideia de que o trecho ainda se faz presente nos dias atuais, o cenário de miséria, de fome e a exploração dos corpos das mulheres negras:

Negras mulheres suspendendo as tetas  
Magras crianças, cujas bocas pretas  
Rega o sangue das mães  
Outras, moças, mas nuas e espantadas  
No turbilhão de espectros arrastadas

A sétima parte é composta por 19 versos, o esquema rítmico é o mesmo da segunda e da quarta estrofes, rimas externas, perfeitas e paralelas (AABBCC). Nessa parte o reconhecimento da violência, da exclusão e da desigualdade se estende para o reconhecimento da importância, e da presença, da participação da cultura africana (negra), que chegou através dos navios pelos negros escravizados, para a construção da cultura brasileira. O eu lírico sai de cena, não há marcas de primeira pessoa, tornando-se impessoal, e agora fala de uma perspectiva geral:

Tem um pouco de navio negreiro embaixo de cada viaduto (a)  
Em cada lágrima derramada, em cada mãe que veste luto (a)  
Tem um pouco de navio negreiro em cada mão que pede esmola (b)  
Em cada beco e viela, em cada criança longe da escola (b)  
Tem um pouco de navio negreiro na viola, no pandeiro (c)  
No atabaque, no cordel, na enxada e no tempero (c) (...)

Nos dois últimos versos da sétima parte, o eu lírico retoma e continua a interpelar o coletivo, mas não só o coletivo negro periférico, dessa vez, a todos os brasileiros, pois a escravidão e os navios negreiros fazem parte da história do nosso país: *“Na pele, na memória, na **minha** e na **sua** história; Tem um pouco de navio negreiro”*. Na sétima parte, o *rapper* reafirma toda a contribuição negra para a construção do Brasil, que é renegada, hipocritamente ou por falta de conhecimento histórico, por uma grande parcela da população.

O tom que o *rapper* usa para compor a canção é de denúncia e revolta

frente à situação que a comunidade negra vive em todas as esferas da sociedade brasileira, não é apenas a situação de “periferia”, mas da violência que a periferia sofre enquanto periferia. Trazer o Navio Negreiro de Castro Alves é uma maneira de aproximar um texto histórico do momento histórico narrado agora, para possibilitar uma reflexão e uma conscientização. Traz ao ouvinte a inquietação de repensar o seu papel na perpetuação desse sistema opressor. É um texto lírico, pois expressa o sentimento e as sensações quando reconhece a sua posição social no cotidiano da sociedade racista do século XXI. O texto apresenta características do texto moderno, pois utiliza a linguagem coloquial com traços da oralidade, como podemos observar no verso seguinte da 4ª parte: “os chicotes e açoites trocados por cacete e **oitão**”. O *rapper* repete as palavras “chicotes e açoites” do texto castroalvista para simbolizar a violência que os corpos negros sofriam e ainda sofrem, hoje pelo cacete e as armas de fogo. O principal tema que é abordado na canção é o racismo. O texto lírico, descritivo, denuncia o Racismo que foi estruturado pela sociedade e descreve a posição social que o negro, descendente do negro do Navio de Castro Alves, ocupa na sociedade hoje, e como a violência contra eles permanece.

No refrão, o tom se estende a uma autoafirmação e conscientização como sujeito histórico. O *rapper* aborda o laço com a ancestralidade, para fazer um paralelo entre as duas épocas e mostrar a história de opressão vivida por todos os negros durante a história do Brasil.

A composição de Slim Rimografia faz uma crítica à sociedade brasileira, que mantém o sistema desigual e ainda coloca o negro em posição de inferioridade, em vários versos podemos observar na crítica. A denúncia da segregação racial nos dias de hoje está presente em todo enredo, e afirma que a escravidão do povo negro ainda existe. Como citado no primeiro capítulo desta pesquisa, a raça ainda é uma marca para essa exclusão, e, como diz o rapper na canção, “A cor denuncia vítimas de antigas explorações”. Todo o texto mostra um conhecimento histórico por parte do autor, que se baseia nos fatos para compor a canção, conhecimento esse que faz com ele reconheça a sua posição social e compreenda a origem do preconceito que ele e a comunidade negra ainda sofrem. Em todos os versos, podemos observar a intenção de adaptar o texto do século XIX para a atualidade, para afirmar que a escravidão ainda está presente, mas, hoje, ela tem outra face. “*Senzala virou*

*presídio, quilombo é favela*"; *"Escravidão ainda existe em cada olhar triste nas esquinas"*. O *rapper* questiona a pátria, assim como Castro Alves o faz em seu poema, para denunciar a conivência das autoridades e da sociedade que silencia diante de todo esse cenário desumano.

Slim também trata da questão do preconceito que vai além da figura do negro, preconceito que envolve tudo que descende das tradições africanas: *"Deixou pra trás dialetos e crenças"*; muito saber, muita cultura, muitas histórias se perderam com essa "animalização" do negro, muito conhecimento que poderia ter enriquecido, ainda mais, a nossa cultura foi ignorado. No verso *"Emudeceram seus tambores, amaldiçoaram sua religião"* o *rapper* se refere à cultura e à crença religiosa que foi, e, ainda é, menosprezada.

A canção nos propõe uma reflexão sobre os reflexos da escravidão nos dias atuais, e nos remete a uma leitura social para reconhecermos que o racismo e preconceito estão presentes em todas as esferas sociais: na cultura, na educação, na saúde, na moradia, na cidadania, na música, na arte, na religião. A sociedade ainda mantém o negro em posição de subalterno e o submete à fome, ao crime, à marginalização como forma de excluí-lo e de anulá-lo socialmente. Os jovens negros são encarcerados em prisões, há o genocídio da população negra, questões que nos levam à reflexão de que a Lei Áurea não passa de um texto "morto" e que o maior crime de todos os tempos, que foi a escravidão, ainda está vivo e resistente na nossa sociedade. Segundo Candido (1989, p. 806), "a literatura não corrompe nem edifica, mas humaniza em sentido profundo, por que faz viver". O texto de Slim Rimografia pode humanizar o ouvinte a partir dessas reflexões.

#### 4. LEITURA COMPARADA

Embora a leitura comparada dos textos tenha, em alguma medida, se dado ao decorrer desse estudo, é importante levantar os elementos comparativos mais importantes que revelam aproximações e distanciamentos entre os dois textos. A proposta deste capítulo é descrever esses aspectos com base em tópicos da literatura comparada. O objeto da literatura comparada, como defende Tieghem, segundo Nitrini (1997), é essencialmente o estudo das diversas literaturas nas suas relações entre si, isto é, em que medida umas estão ligadas às outras na inspiração, no conteúdo, na forma, no estilo.

O foco para essa comparação é uma perspectiva social/humana, visto que, após analisar os textos, podemos considerar que a forma e o estilo divergem, pois cada texto foi escrito em um contexto histórico diferente, e tratamos de estilos de textos diferentes: um poema do século XIX e uma canção de RAP do século XXI. Esse estudo escolhe não se aprofundar nesses tópicos em sua comparação. As obras estão ligadas pela inspiração, pelo conteúdo e pela influência. “Influência é o resultado artístico autônomo de uma relação de contato, entendendo-se por contato o conhecimento direto ou indireto de uma fonte por um autor” NITRINI (1997, p. 127). Slim se inspirou no poema de Castro Alves que tratava da escravidão da população negra na construção do Brasil, para atualizá-lo para os dias atuais, em que a escravidão permanece estruturada de outras maneiras.

O conteúdo de ambos descreve a maneira como o negro é/foi explorado, violentado e inferiorizado. “Toda sociedade elabora seus próprios marcadores de diferença, ou seja, transforma diferenças físicas em estereótipos sociais, em geral de inferioridade, e assim produz preconceito, discriminação e violência”, (SCHWARCZ, 2019, p.174). A raça é um marcador social que tem capacidade de produzir formas de hierarquias e de subordinação. Slim busca no poema de Castro Alves a origem do racismo e da persistência da discriminação do negro ainda em tempos modernos.



<p>No texto de Castro Alves, observamos:</p> <p><b>“Era um sonho dantesco... o tombadilho Que das luzernas avermelha o brilho. Em sangue a se banhar. Tinir de ferros... estalar de açoite [...]</b> “</p> <p>(O sangue simboliza a violência física)</p> <p><b>“Negras mulheres, suspendendo às tetas Magras crianças, cujas bocas pretas Rega o sangue das mães: Outras moças, mas nuas e espantadas, No turbilhão de espectros arrastadas [...]</b>”</p> <p>(Nessa estrofe, o poeta denuncia como as mulheres e seus filhos eram tratados e explorados).</p> <p><b>“Se o velho arqueja, se no chão resvala, Ouvem-se gritos... o chicote estala [...]</b>”</p> <p>(Nessa cena o poeta cria a imagem de exploração contra os idosos que causavam indignação e, quem se rebelasse, era açoitado pelo chicote).</p> <p><b>“Preso nos elos de uma só cadeia, A multidão faminta cambaleia [...]</b>”.</p> <p>(Os negros eram submetidos à fome).</p> <p><b>“No entanto o capitão manda a manobra, E após fitando o céu que se desdobra, Tão puro sobre o mar, Diz do fumo entre os densos nevoeiros: “Vibrai rijo o chicote, marinheiros! [...]</b>”</p> <p>(Nessa estrofe, podemos observar a</p>	<p>No texto de Slim, por sua vez:</p> <p><b>“Uniformes diferenciam funcionários de patrões A cor denuncia vítimas antigas de explorações [...]</b>”</p> <p>(Slim denuncia a posição subalterna em que os negros são submetidos)</p> <p><b>“Trazidos em porões e navios negreiros Tratados como animais, vendidos a fazendeiros Vivendo em cativeiros Negociados como mercadoria Enriquecendo a classe nobre, hoje chamada burguesia [...]</b>”</p> <p>(Nesse trecho, podemos observar que o rapper faz alusão ao poema de Castro Alves para traçar um paralelo com a história de exploração dos negros, e quem foi e é beneficiada por ela).</p> <p><b>“Caçados, mortos e açoitados quem tentou resistência [...]</b>”</p> <p>(Nesse verso, o rapper menciona que os que se rebelavam contra os algozes eram violentados e mortos).</p> <p><b>“Tratados como gado, sem direito à educação [...]</b>”</p> <p>(O rapper denuncia que os negros são privados de seu direito à educação, para continuar servindo de mão de obra barata).</p> <p><b>“Alguns morreram de fome, de sede, de frio Corpo magro, cheio de marcas e o estômago vazio [...]</b>”</p> <p>(Podemos observar que, quando o rapper menciona o passado, ele apresenta conhecimento histórico sobre a história da população negra, e sabe a origem das desigualdades).</p> <p><b>“O navio hoje é barca sem vela, só sirene Navegando na estrada, hoje</b></p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>frieza com que o capitão ordenava que a violência continuasse).</p> <p><b>“Gritos, ais, maldições, preces ressoam! [...]”</b>          (As palavras “gritos” e “ais” nos remetem a dor e sofrimento).</p>	<p><b>volante, ontem lemes          O porão é chiqueiro de camburão          Os chicotes e açoites trocados por cacetete e oitão          Senzala virou presídio, Quilombo é favela [...]”</b>          (Nesse trecho, podemos observar que Slim busca nos versos de Castro Alves a inspiração para denunciar as violências atuais as quais a população negra ainda é submetida).</p> <p><b>“Negras mulheres, suspendendo às tetas          Magras crianças, cujas bocas pretas          Rega o sangue das mães          Outras, moças, mas nuas e espantadas          No turbilhão de espectros arrastadas [...]”</b>          (Slim insere em sua canção a estrofe do poema castroalvista que denuncia a violência contra as mulheres e seus filhos, o que nos sugere que a violência e a exploração dos corpos das mulheres negras permanece).</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Os principais aspectos a serem ressaltados são as perspectivas sociais dos produtores: Castro Alves tem um olhar de fora do espaço social do indivíduo que sofre com a escravização e o preconceito utilizado para justificá-la, e Slim Rimografia tem um olhar de dentro do espaço social que sofre as consequências desse processo. A comparação dos textos nos leva a dois pontos da História: ao século XIX, em que a escravidão era legal e acontecia às claras, apesar de leis que tentavam coagi-la como a que impedia o tráfico negreiro; e ao século XXI, em que os reflexos desse período podem ser observados pela maneira com a qual o negro vive na sociedade atual. Como mencionado no 1º capítulo deste trabalho, os textos estão distantes em relação ao tempo e ao espaço, mas o *corpus* e o tema são os mesmos: a escravidão da população negra. Ambos os textos abordam e denunciam a sociedade de seu tempo. Castro Alves denunciava, de uma perspectiva espectadora, como o negro era violentado física, moral, cultural e socialmente durante o longo período escravista. É válido ressaltar que o poeta era um homem branco que assistia, indignado e revoltado, aos horrores de seu tempo.

Exemplo do olhar de fora (perspectiva espectadora)	Exemplo do olhar de dentro (perspectiva do negro)
<p><b>“Bem feliz quem ali pode nest’hora Sentir deste painel a majestade![...]..”</b> (Logo na primeira parte do poema, podemos observar o distanciamento do eu - lírico em relação à cena, ele vislumbra o cenário de uma perspectiva distante. Nesse verso, podemos observar que ele se sente atraído pela beleza descrita nessa parte).</p>	<p><b>“Somos sonhos, somos luta Fomos mão de obra barata Somos arte, somos cultura Somos ouro e somos prata Somos índios, Somos negros Somos brancos, somos afrodescentendetes Somos raça, somos povo Somos tribo, somos gente Somos sonhos, somos luta Fomos mão de obra barata Somos arte, somos cultura [...]”</b>(Na primeira parte, que é o refrão e é repetida 4 vezes ao longo da canção, podemos observar que o eu lírico se inclui ao coletivo negro, usando marcas de 3ª pessoa do plural. O “fomos” se refere à ancestralidade e, o “somos”, ao presente).</p>
<p><b>“Oh! que doce harmonia traz-me a brisa! Que música suave ao longe soa![...]”</b> (Nesse verso, a palavra “longe” nos mostra esse distanciamento).</p>	<p><b>“Fomos tratados como nada, trazidos como bicho Oprimidos e usados, dispensados como lixo Temos muito que mudar, a história não acabou [...]”</b></p>
<p><b>“Desce do espaço imenso, ó águia do oceano! Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano Como o teu mergulhar no brigue voador! Mas que vejo eu aí... Que quadro d’amarguras! É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ... Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror! [...]”</b> (Na terceira parte do poema, o eu lírico empresta o olhar do albatroz para se aproximar do navio e ver de perto o que havia dentro dele. Quando o eu - lírico adentra ao navio, ele indaga: “O que vejo eu aí...”. Essa expressão nos mostra que ele assiste a cena de horror que é descrita na próxima parte do poema).</p>	<p>(Podemos observar que a marca de 3ª pessoa permanece. Nesse trecho, o eu lírico busca novamente a referência de Castro Alves para traçar um paralelo entre a história passada e a atual: “fomos tratados como nada, trazidos como lixo”, notamos um diálogo com o poema que denunciava a maneira que o negro foi transportado nos navios negreiros. No verso <b>“Temos</b> muito que mudar, a história não acabou”, temos novamente a marca de 3ª pessoa do plural, mas aqui para denunciar que a história de opressão continua, e o eu lírico interpela a um coletivo: “Temos muito que mudar...”).</p>
<p><b>“Quem são estes desgraçados Que não encontram em vós Mais que o rir calmo da turba Que excita a fúria do algoz? [...]”</b> (O eu lírico questiona quem são os desgraçados que sofrem os horrores</p>	<p><b>“Bisavós cuja voz foi silenciada E por nós sua luta não pode ser</b></p>

<p>nas mãos dos algozes. “Quem são...?”, essa expressão mostra que ele não participa da cena, ele é espectador. Ele se refere aos outros.)</p> <p><b>“São os filhos do deserto, Onde a terra esposa a luz. Onde vive em campo aberto A tribo dos homens nus... São os guerreiros ousados Que com os tigres mosqueados Combatem na solidão. Ontem simples, fortes, bravos. Hoje míseros escravos, Sem luz, sem ar, sem razão [...]”</b></p> <p>(Em resposta à indagação anterior, o eu lírico responde quem são os desgraçados, de onde vêm, como eram livres, como viviam antes de serem escravizados. Novamente, podemos observar que o eu lírico fala de uma posição externa. A visão espectadora).</p>	<p><b>abandonada [...]”</b></p> <p>(Nesse trecho, podemos observar novamente a menção à ancestralidade, com as palavras “bisavós” e “nós” aproximando o parentesco entre as gerações. A canção nos propõe essa ideia de continuidade na história e na luta pela liberdade.)</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

O poeta escreveu em seu poema “Navio Negroiro” como os negros foram desumanizados, tratados como objetos a serem consumidos, ou máquinas de trabalho. Além de abordar a violência em seus versos, ele devolve a humanidade e a subjetividade ao povo negro, que era livre e foi escravizado pelo homem branco. Slim Rimografia denuncia o racismo, a exploração, a desigualdade e o preconceito que a população negra ainda carrega em seu momento histórico. O “Navio Negroiro” de Slim faz uma adaptação da obra de Castro Alves para comparar, contrastar e confirmar as questões que o poeta descreveu em seu poema. A canção do *rapper* nos aproxima da realidade da população negra, por uma perspectiva de quem descende do negro escravizado e sente os reflexos da escravidão diretamente. Slim dá a ideia de continuação dos fatos, mas, desta vez, da perspectiva do negro.

O poema castroalvista serve de influência para Slim. “O estudo da influência é a pesquisa de semelhanças escondidas, de parentescos secretos entre duas visões de mundo” (NITRINI, pg 133). Ao analisarmos os textos, o parentesco entre as obras é evidente, porém a visão de mundo é diferente, frente ao fato de que cada obra foi produzida em contextos históricos e em perspectivas diferentes. Segundo Carvalho (1986), a Literatura Comparada ambiciona contribuir para a elucidação de questões literárias que exijam perspectivas amplas. Assim, a

investigação de um mesmo problema em diferentes contextos históricos permite que os horizontes do conhecimento favoreçam uma visão crítica. Para aproximar as obras, o *rapper* dá à canção o mesmo título do poema de Castro Alves e toma como base as denúncias do poeta para traçar um paralelo histórico entre os textos.

Para Carvalho (1986), o autor que resgata um texto do passado com intenção de reescrevê-lo e de lhe atribuir um novo sentido em outro contexto histórico, quer dar continuidade ou quer modificar algo. Slim Rimografia não só atualiza o texto como também o reescreve em seu momento histórico, explora-o criticamente e agrega um novo significado que não cabia ao texto de origem. Ambos os textos dão a oportunidade de ouvir o sentimento alheio e ficar aflito a partir da escuta, causando indignação e levando a uma reflexão crítica.

Ao analisar os textos, podemos observar quem violenta e quem é violentado. Schwartz (2019) afirma:

Se de um lado essa mescla gerou uma sociedade definida por ritmos, artes, aromas, culinárias, esportes misturados, de outros produziu uma nação que naturaliza a desigualdade racial, na figura das empregadas domésticas, dos trabalhadores manuais, da ausência de negros nos ambientes corporativos e empresariais, nos teatros, nas salas de concerto, nos clubes e nas áreas sociais (SCHWARTZ, 2019, p. 35).

Carvalho (1986, p. 47) cita o que Tynianov alerta sobre o fato de que “um mesmo elemento tem funções diferentes em sistemas diferentes, o que nos leva a pensar que um elemento, retirado de seu contexto original para integrar outro contexto, já não pode ser considerado idêntico”. A sua inserção exerce outra função. Assim, Slim o faz buscando no texto de origem o respaldo para suas argumentações. Sua canção busca elementos no poema de Castro Alves, mas a sua abordagem é outra. Os tempos são outros, a escravidão foi abolida, mas as suas raízes ainda são muito fortes na construção da sociedade do século XXI. Schwartz (2019) defende:

A escravidão foi bem mais que um sistema econômico: ela moldou condutas, definiu desigualdades sociais, fez de raça e cor marcadores de diferença fundamentais, ordenou etiquetas de mando e obediência, e criou uma sociedade condicionada pelo paternalismo e por uma hierarquia muito estrita (SCHWARZ, 2019, p.28).

Assim como o texto de Castro Alves incomodava na época por denunciar e mostrar a verdadeira face da escravidão, não só a canção de Slim, como o RAP em si, é uma narrativa de incômodo, porque denuncia o que ninguém quer ouvir, denuncia mais que o Racismo, mas também opressões trabalhistas, e escancara a condição precária da pessoa negra. Temas esses que a sociedade ignora. As denúncias são outras, embora o oprimido e o opressor permaneçam os mesmos. Schwartz (2019) afirma que o período do pós-abolição no Brasil não construiu uma nação mais igualitária no que se refere aos diferentes povos que a formaram. A despeito de certos avanços sociais, instituições e postos de liderança continuam a ser dominados por brancos, na mesma medida em que os negros acabaram sistematicamente discriminados. A escravidão nos legou uma sociedade autoritária, a qual tratamos de reproduzir nos dias atuais. No quadro abaixo, podemos observar alguns exemplos das denúncias que ambos os autores fazem:

<b>Exemplos das denúncias de Castro Alves sobre a exploração humana e a convivência da sociedade</b>	<b>Exemplos da denúncia da exploração da população negra e da convivência da sociedade atual</b>
<p><b><i>“Ontem simples, fortes, bravos. Hoje míseros escravos, Sem luz, sem ar, sem razão [...]”</i></b>            (Castro Alves, nesse trecho, denuncia que a sociedade escravizou os negros, eles não eram escravos. E o poeta acrescenta como essas pessoas se sentiam nessa condição).</p> <p><b><i>“São mulheres desgraçadas, Como Agar o foi também. Que sedentas, alquebradas, De longe... bem longe vêm... Trazendo com tibios passos, Filhos e algemas nos braços [...]”</i></b>            (Podemos observar a denúncia de como as mulheres e seus filhos, ainda crianças, eram submetidos a condições desumanas).</p> <p><b><i>“Ontem a Serra Leoa, A guerra, a caça ao leão, O sono dormido à toa</i></b></p>	<p><b><i>“Estamos em pleno mar, embarcações de ferro e aço Onde pessoas disputam palmo a palmo por um espaço Nesse imenso rio negro de piche e asfalto</i></b>  <b><i>Cristo observa tudo calado de braços abertos lá do alto Onde a lei do silêncio impede que ecoe o grito do morro Dos poetas em barracos sem forro, que clamam por socorro [...]”</i></b>            (Slim Rimografia introduz o ouvinte no cenário atual fazendo referência ao verso em que Castro Alves insere o leitor na cena de seu poema: “<i>Stamos em pleno mar</i>”, porém o mar de Slim é grande cidade: “<i>Nesse imenso rio negro de piche e asfalto</i>”. Nesse trecho, o <i>rapper</i> denuncia o silêncio que cala as pessoas que vivem nas periferias em condições precárias).</p>

**Sob as tendas d'amplidão!  
Hoje... o porão negro, fundo,  
Infecto, apertado, imundo,  
Tendo a peste por jaguar [...]"**

(Nesse trecho, podemos observar que Castro Alves continua a mencionar que, antes de serem escravizados, os negros eram homens livres e viviam conforme a sua cultura, e, no navio, foram submetidos a situações desumanas e cruéis em condições extremas).

**"Ontem plena liberdade,  
A vontade por poder...  
Hoje... cúm'lo de maldade,  
Nem são livres p'ra morrer. .  
Prende-os a mesma corrente  
— Férrea, lúgubre serpente —  
Nas roscas da escravidão.  
E assim zombando da morte,  
Dança a lúgubre coorte  
Ao som do açoute... Irrisão![...]"**

(A parte mais extensa do poema é a parte em que Castro Alves se dedica a detalhar a crueldade com que os negros eram tratados. A vida do negro era insignificante para os algozes, que zombavam de suas mortes. O sentimento de compaixão ao sentimento e a dor alheia era nulo).

**"Existe um povo que a bandeira  
empresta  
P'ra cobrir tanta infâmia e  
cobardia!...  
E deixa-a transformar-se nessa  
festa [...]"**

(Na última parte, o poeta volta-se para a pátria covarde que permite tamanha atrocidade e é conivente com a barbárie).

**"Homens de pele escura, sem  
sobrenome importante  
Filhos de reis e rainhas de uma  
terra tão distante [...]"**

(Nesse trecho, podemos observar que Slim denuncia o racismo se referindo à cor da pele das pessoas que são menosprezadas ainda pela sociedade, e relembra o passado de seus ancestrais, cuja origem Castro Alves menciona em seu poema).

**"O mar separa o Brasil da África  
Um rio separa as periferias das  
mansões de magnatas  
Uniformes diferenciam  
funcionários de patrões  
A cor denuncia vítimas antigas de  
explorações [...]"**

(Novamente, o racismo é denunciado por Slim, que se refere à cor da pele mais uma vez. O *rapper* acrescenta as posições sociais que cada grupo ocupa na sociedade. Os negros ainda são explorados e ocupam cargos subalternos e inferiores aos brancos. E denuncia o distanciamento entre os dois grupos que gera desigualdades).

**"Tratados como gado, sem direito à  
educação  
Emudeceram seus tambores,  
amaldiçoaram sua religião [...]"**

(Nesse trecho, podemos nos atentar à denúncia do preconceito contra as religiões de matrizes africanas e a privação da educação para os negros, que ainda são vistos como mão de obra e destinados a serviços braçais, domésticos, que exigem pouca ou nenhuma escolaridade).

**"Quem lutou por liberdade, na  
história foi esquecido  
Sem status, sem monumentos, só  
barracos foram erguidos [...]"**

(Slim também denuncia a ocultação e a desvalorização da história de luta da população negra).

	<p><b>“Escravidão ainda existe em cada olhar triste nas esquinas Nos becos e vielas, nos sonhos em ruínas No esgoto a céu aberto, na criança desnutrida Nas mãos que pedem esmola nas ruas e avenidas Herdeiros da miséria dos escravos trazidos em navios [...]”</b> (Nesse trecho, o <i>rapper</i> afirma que a escravidão da população negra ainda existe, mas hoje ela tem outra face).</p> <p><b>“Filhos da pátria amada, idolatrada mãe gentil Onde tu estavas que tamanha atrocidade não viu [...]”</b> (Assim como Castro Alves, Slim denuncia a pátria que é conivente com tamanha atrocidade, pois o racismo, mesmo que presente em todas as esferas sociais, ainda é banalizado).</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

A historiadora, Lilia Schwarcz, acrescenta que uma profusão de estatísticas oficiais demonstra como as populações afro-brasileiras são objeto de uma série de marcadores sociais de diferença que acabam condicionando, negativamente, sua inclusão na sociedade, com um acesso precário à saúde, ao emprego, à educação, ao transporte e à habitação. Ler o poema de Castro Alves nos possibilita perceber as marcas históricas em relação ao desrespeito à população negra, e faz com que nos envergonhemos do nosso passado. A canção de Slim nos alerta para as mazelas do nosso tempo. Carvalhal (1986) ressalta a importância de investigar a história por meio da Literatura Comparada:

A investigação das hipóteses intertextuais, o exame dos modos de absorção ou transformação (como um texto ou um sistema incorpora elementos alheios ou os rejeita), permite que se observem os processos de assimilação criativa dos elementos, favorecendo não só o conhecimento da peculiaridade de cada texto, mas também o entendimento dos processos de produção literária. Entendido assim, o estudo comparado de literatura deixa de resumir-se em paralelismo binário movido somente por um “ar de parença” entre os elementos, mas compara com a finalidade de interpretar questões mais gerais das quais as obras ou procedimentos literários são



manifestações concretas. Daí a necessidade de articular a investigação comparativista com o social, o político, o cultural, em suma, com a História num sentido abrangente (CARVALHAL, 1986, p.81).

Nós temos que nos perguntar se hoje temos a sensibilidade para ler o Racismo que está acontecendo. Estamos vivendo tempos históricos que nos revelam o quanto a cultura do racismo está fortemente presente da nossa sociedade. Em novembro de 2019, o presidente da Fundação Palmares, Sérgio Nascimento de Camargo – entidade responsável pela promoção da cultura afro-brasileira (um cidadão afro-descendente) declarou que “não existe racismo real no Brasil” e que “a escravidão foi benéfica para os descendentes” e disse que “o movimento negro precisa ser extinto” (ESPANTO E INDIGNAÇÃO..., RBA, 2019). Frente a essas declarações, podemos compreender a importância de colocar o racismo em pauta para discutirmos e repensarmos a nossa sociedade, tanto da perspectiva da população branca, quanto da população negra.

O sujeito branco não considera que tenha a necessidade de pensar sua condição social, pensar o que significa ser branco nessa sociedade, e os seus privilégios históricos. O sujeito negro, muitas vezes, concorda com os discursos que os oprime. A luta contra o racismo precisa ser de toda a sociedade. Tanto o poema de Castro Alves quanto a canção de Slim problematizam a sociedade racista e, ao abordarem esse tema, possibilitam um despertar da consciência. Na época em que Castro Alves escreveu o seu poema, o negro tinha pouco ou nenhum espaço de fala na sociedade, e o poeta empresta a sua voz para denunciar a verdadeira face da escravidão com muita resistência, os negros foram conquistando espaços de fala e, hoje, o negro pode falar por si. A canção de Slim e o RAP de maneira mais geral são a retomada da palavra: o negro agora conta a sua história. O papel do branco na luta contra o Racismo é silenciar, ouvir, ler e estudar a história do negro. Dar voz ao negro para que ele fale dos seus anseios, suas angústias e suas vitórias.

Escutar o que essas pessoas estão falando leva o ouvinte a refletir criticamente sobre essas questões e ter uma melhor compreensão sobre a realidade. Como nós podemos pensar no nosso lugar social e entender que esses lugares foram construídos historicamente, e, além disso, pensar em maneiras de diminuir essas distâncias sociais e descondicionar os nossos olhares. Assim como a literatura (o poema), o RAP (a canção) também tem o poder de humanizar. Candido

(1989) defende que a literatura humaniza em sentido profundo porque faz viver, ele diz sobre humanização:

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura devolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1989, p.180).

A luta contra o racismo e a promoção da igualdade racial não são temas que afetam apenas e exclusivamente as populações negras. Perdemos, todos nós, quando discursos populistas põem em questão a beleza e a força da diversidade que faz parte da nossa própria história. Quem sai diminuída é também nossa incompleta democracia. Enquanto persistir o racismo, não podemos construir uma sociedade justa e harmônica.

Scharwcz (2019) afirma que tentativas de menosprezar o problema, de desfazer dos relatos e pesquisas chamando-os de “mimimi”, numa alusão pejorativa de uma pessoa que só reclama, não validam a inexistência do racismo no Brasil, apenas confirmam a sua efetiva prática cotidiana, que se esconde no movimento de negação. Mas a população negra segue lutando, resistindo e conquistando. Os movimentos negros vêm alcançando conquistas, Scharwcz (2019) acrescenta que, em 1997, Zumbi dos Palmares foi reconhecido, oficialmente, como herói nacional, inaugurando o protagonismo negro no modo de contar a história brasileira; o artigo 215 da Constituição Cidadã, definiu as manifestações culturais afro-brasileiras como patrimônio cultural; o artigo 68 das Disposições Transitórias aprovou as terras de “remanescentes das comunidades dos quilombos”, o que validou o direito de grupos a permanecerem nas terras; o artigo 5 da constituição é lei que torna o racismo crime inafiançável e imprescindível, sujeito à prisão.

Ainda segundo a autora, em 2003, foi promulgada a Lei 10639/03, depois alterada pela Lei 11645/08 que introduziu no currículo oficial o ensino obrigatório de “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”; em 2013 foi criada a Secretaria Especial de Política de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR); em 2010 foi aprovado o Estatuto da Igualdade Racial; em 2012 o STF julgou institucionais as

cotas raciais, que buscam reparar injustiças históricas de grande impacto na educação e inclusão dos negros; em 2019, Segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), feita pelo IBGE em 2018 (PELA PRIMEIRA VEZ NEGROS SÃO MAIORIA NAS UNIVERSIDADES..., O Globo, 2019), pela primeira vez na história, a população negra é majoritária em universidades públicas

O RAP de Slim coloca o negro como sujeito histórico que denuncia a sociedade que o exclui, o marginaliza e o violenta de diversas maneiras, assim como fazia com os negros trazidos da África, na origem da construção do país, como revelava Castro Alves. O RAP pode transformar o olhar social em relação aos negros e propor um novo olhar que não seja conivente à barbárie.

## CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou a comparação entre o poema “Navio Negreiro”, de Castro Alves (1968), e a canção homônima, de Slim Rimografia (2011). Ambos os textos tratam do mesmo tema e têm o mesmo *corpus*, embora pertençam a dois momentos históricos diferentes. O poema de Castro Alves foi a base para Slim criar a sua canção. A escravidão moderna é denunciada com os reflexos que a escravidão do Brasil Colônia têm na nossa sociedade atual. São dois momentos distintos da história, e cada texto tem sua originalidade diante desse fato. Castro Alves não saberia como a sociedade moderna trataria a população negra, mas Slim atualiza o poema para dar continuidade à história de opressão que o poeta denunciava em seu tempo.

Essa comparação possibilita a compreensão da posição social de determinados grupos historicamente discriminados. A população negra é discriminada desde antes de pisar em solo brasileiro, como o poeta Castro Alves denunciava em seu poema. No caminho entre a África e o Brasil, nos navios

negreiros, eles sofriam todos os tipos de violência: física, moral, cultural. O negro foi desumanizado pelo branco durante os anos de escravidão. O Brasil teve um dos regimes escravistas mais assombrosos. A população negra foi objetificada e comercializada como mão de obra barata, e o processo abolicionista foi longo e sofreu muita resistência de quem era beneficiado por ela. O Brasil foi o último país a abolir a escravidão oficialmente, embora, por meios ilegais, ela tenha se estendido por anos. Esse longo período escravista gerou uma mentalidade social que inferioriza e menospreza a população negra e naturaliza ações racistas. O racismo é fruto da escravidão e é um mecanismo que perpetua a nossa sociedade desigual. A raça é um marcador social que tem capacidade de produzir formas de hierarquias e subordinação.

Slim Rimografia, quando atualiza o poema castroalvista, denuncia que a escravidão ainda existe para a população negra, mas hoje ela tem outra face. O racismo está em todas as esferas da sociedade: na saúde, na educação, na habitação, na rejeição à cultura afrodescendente, nas religiões de matrizes africanas, nas condições trabalhistas, no discurso opressor, que tenta diminuir a importância de combater essa desigualdade. O Racismo existe, persiste e resiste. Conhecer a história nos possibilita descondicionar os nossos olhos e ter uma visão crítica sobre as estruturas que alimentam a nossa sociedade. Escutar a história da população negra pela narrativa do negro possibilita ao ouvinte a reconhecer o racismo por quem sofre o racismo, e entender de onde vem e como se dá o racismo na sociedade hoje.

Não há como dizer que o racismo não existe no Brasil, basta ler os jornais e acessar as redes sociais que é possível se deparar com centenas de denúncias de pessoas que sofrem ou já sofreram preconceito racial no país. Assumir que a violência letal está fortemente endereçada à população negra e que esse componente se associa a uma série de desigualdades é o primeiro passo para o desenvolvimento de políticas públicas e ações que sejam capazes de diminuí-las. Como foi mencionado, o combate ao racismo não é responsabilidade exclusiva da população negra, o sujeito branco precisa repensar sua condição social, discutir a questão branca e os seus privilégios históricos e, assim, reconhecer esses privilégios.

A intenção desse estudo não é se colocar no lugar do outro, pois não há

como uma pessoa branca sentir a dor do racismo e o peso das desigualdades, mas de construir uma empatia intelectual. Silenciar, ouvir, ler e refletir criticamente sobre aquilo que lê e escuta nas narrativas do oprimido. A partir dessas reflexões, repensar a própria fala e compreender que a nossa linguagem tem o poder de violentar. Um regime violento como a escravidão só poderia originar essa sociedade igualmente violenta. É quando nos atentamos para a fala do oprimido que compreendemos quem violenta e quem é violentado, porque esses grupos estão nessas determinadas posições, e o que estamos fazendo para combater essa sociedade? O lugar de que se olha a sociedade nos impede de ver algumas questões e sentir as urgências de outros grupos.

A palavra, tanto no poema quanto na canção, nos transporta para outros ambientes que não fazem parte da nossa realidade e possibilitam uma conscientização que humaniza a partir da compreensão dessas realidades. Quando relembramos os anos de escravidão, não é raro nos comovermos com a crueldade com que a população negra foi tratada, mas é raro, hoje, termos a sensibilidade para ler as mazelas do nosso tempo. A nossa história está acontecendo e o que estamos fazendo para combater as desigualdades e as injustiças sociais? Como estamos contribuindo para a perpetuação da crueldade contra a população negra?

## REFERÊNCIAS

### BIBLIOGRÁFICAS:

ALFANO, Bruno; TATSCH, Constança; CAPELETTI, Pedro, **Negros são maioria pela primeira vez nas universidades públicas, aponta IBGE**. O Globo. Rio de Janeiro, 13 de novembro de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/negros-sao-maioria-pela-primeira-vez-nas-universidades-publicas-aponta-ibge-24077731>. Acesso em 15/11/2019 às 21:18.

**ATLAS DA VIOLÊNCIA**, 2019: Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019> , Acesso em\_15/11 às 18:06

CANDIDO, Antônio. **Direitos Humanos e Literatura**. IN: A.C.R. Fester (Org.) Direitos humanos E...Cjp/Ed. Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos**. Vol. I e II. 9ª edição. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Itatiaia Ltda, 2000.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8ª edição. São Paulo: T.A. Queiroz Editora, 2000.

CANDIDO, Antônio. **O Romantismo no Brasil**. 2ª edição. São Paulo : Humanitas / FFLCH / SP, 2004.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 1986.

COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada: Textos Fundadores**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

ESPANTO E INDIGNAÇÃO RESUMEM AS REDES SOCIAIS SOBRE SÉRGIO CAMARGO NA FUNDAÇÃO PALMARES, **Rede Brasil Atual**, São Paulo, 28 de novembro de 2019 às 11:36. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2019/11/espanto-e-indignacao-resumem-as-redes-sociais-sobre-novo-presidente-da-fundacao-palmares/>. Acesso em 03/12/2019 às 02/12/19 às 18:33

HALL, Stuart. **Que negro é esse na cultura negra**. In: SOVIK, Liv (Org). Da Diáspora – Identidade e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

PIMENTEL, Spency. **O livro vermelho do hip hop**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

QUEIROZ, Suely Robles Reis. **Escravidão Negra no Brasil**. São Paulo: Ática, 1987.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos. **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, J.C.G. Arte e Educação: **A experiência do movimento Hip Hop paulistano**. In E. N. Andrade (Ed.), RAP e Educação: RAP é educação. São Paulo: Summus, 1999.

**SLIM RIMOGRRAFIA**. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Especial:Citar&page=Slim\\_Rimografia&id=56571606](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Especial:Citar&page=Slim_Rimografia&id=56571606). Acesso em: 27 out. 2019 às 14:58

## VÍDEOS

Instituto de Estudos Avançados da USP. **Centralidades Periféricas**: reflexões sobre Literatura Periférica e Universidade. 2018. (3h:08m: 26s). Disponível em: <http://www.iea.usp.br/midiateca/video/videos-2018/centralidades-perifericas-reflexoes-sobre-literatura-periferica-e-universidade>. Acesso em : 8/11/2019 às 19:47

Nexo Jornal, 2017, **As consequências do racismo para o Brasil**, Lilia Schwarcz e Heloisa Starling. (9m: 50s) Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/video/video/As-consequ%C3%Aancias-do-racismo-para-o-Brasil-por-Lilia-Schwarcz-e-Heloisa-Starling>. Acesso em: 20/10/2019 às 23:44

**O RAP PELO RAP** - Documentário sobre Hip Hop e RAP no Brasil (2015), direção Pedro Favero, (75 minutos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mt7S6YkosPc> . Acesso em: 9/11/2019 às 21: 22

Rádio Companhia #50 – **Lilia M. Schwarcz e Flávio Gomes**, 2018. (58m:40s). Disponível em: <http://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Radio-Companhia-50-Lilia-M-Schwarcz-e-Flavio-Gomes>. Acesso em 08/12/19 às 20:00

Rádio Companhia #79 - **Entrevista com Lilia M. Schwarcz, novidades e lançamentos de maio** , 2019. (58m:40s) Disponível em: <http://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Radio-Companhia-79-Entrevista-com-Lilia-M-Schwarcz-novidades-e-lancamentos-de-maio0>. Acesso em: 23/10/2019 às 13:55

## ANEXOS

### NAVIO NEGREIRO CASTRO ALVES

ALVES, Castro. “O Navio Negroiro”. IN: **Os escravos**. Belo Horizonte: editora Itatiaia, 1977.

### NAVIO NEGREIRO SLIM RIMOGRRAFIA

**JUNKES, Guilherme:** Livro “O navio negroiro” é lançado com RAP de Slim Rimografia. São Paulo, 14 de abril de 2011. Disponível em: <https://vaiserrimando.com.br/2011/05/14/livro-o-navio-negroiro-e-lancado-com-rap-de-slim-rimografia-letra/>. Acesso em 03/12/2019 às 19:47.

## BIBLIOGRAFIA E VÍDEOS DE APOIO

ADORNO, Theodor. **Lírica e Sociedade**. Trad. De José Lino Grunnewald...[ET. AL]. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ALEXANDER, Michele. **A nova segregação: racismo e encarceramento em massa**. São Paulo: Boitempo, 2018.



ALVES, Castro. *O navio negreiro*. In: RIMOGRAFIA, Slim. **O navio negreiro**: Adaptação de Slim Romografia. São Paulo: Panda Box, 2013.

LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Literatura e suas fontes**. Vol II. 2ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980

**O que é lugar de fala?** Djamila Ribeiro (2017). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=lcyFgc\\_DmxY](https://www.youtube.com/watch?v=lcyFgc_DmxY) acesso 11/11/2019 às 20: 18(1h: 50m: 43s)

SCHWARCZ, Lilia. **Lili Entrevista Djamila Ribeiro**. 2019. (21m:20s). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uo7PTD76B6M>. Acesso em: 22/10/2019 18: 33

SCHWARCZ, Lilia. **Lili Entrevista Silvio Almeida**. 2019. (16m:45s). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0TpS2PjLprM> . Acesso em: 22/10/2019 às 17:28 disponível em

## ANEXOS

### O NAVIO NEGREIRO – CASTRO ALVES (1883)

I

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço  
Brinca o luar — dourada borboleta;  
E as vagas após ele correm... cansam  
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento  
Os astros saltam como espumas de ouro...  
O mar em troca acende as ardentias,  
— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos  
Ali se estreitam num abraço insano,  
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...  
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas  
Ao quente arfar das virações marinhas,

Veleiro brigue corre à flor dos mares,  
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes  
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?  
Neste saara os corcéis o pó levantam,  
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora  
Sentir deste painel a majestade!  
Embaixo — o mar em cima — o firmamento...  
E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!  
Que música suave ao longe soa!  
Meu Deus! como é sublime um canto ardente  
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! ó rudes marinheiros,  
Tostados pelo sol dos quatro mundos!  
Crianças que a procela acalentara  
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! esperai! deixai que eu beba  
Esta selvagem, livre poesia  
Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,  
E o vento, que nas cordas assobia...

.....

Por que foges assim, barco ligeiro?  
Por que foges do pávido poeta?  
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira  
Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,  
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,  
Sacode as penas, Leviathan do espaço,  
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

## II

Que importa do nauta o berço,  
Donde é filho, qual seu lar?  
Ama a cadência do verso  
Que lhe ensina o velho mar!  
Cantai! que a morte é divina!  
Resvala o brigue à bolina  
Como golfinho veloz.  
Presas ao mastro da mezena

Saudosa bandeira acena  
As vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas  
Requebradas de langor,  
Lembram as moças morenas,  
As andaluzas em flor!  
Da Itália o filho indolente  
Canta Veneza dormente,  
— Terra de amor e traição,  
Ou do golfo no regaço  
Relembra os versos de Tasso,  
Junto às lavas do vulcão!

O Inglês — marinheiro frio,  
Que ao nascer no mar se achou,  
(Porque a Inglaterra é um navio,  
Que Deus na Mancha ancorou),  
Rijo entoa pátrias glórias,  
Lembrando, orgulhoso, histórias  
De Nelson e de Aboukir.. .  
O Francês — predestinado —  
Canta os louros do passado  
E os loureiros do porvir!

Os marinheiros Helenos,  
Que a vaga jônia criou,  
Belos piratas morenos  
Do mar que Ulisses cortou,  
Homens que Fídias talhara,  
Vão cantando em noite clara  
Versos que Homero gemeu ...  
Nautas de todas as plagas,  
Vós sabeis achar nas vagas  
As melodias do céu! ...

### III

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!  
Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano  
Como o teu mergulhar no brigue voador!  
Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!  
É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...  
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

### IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho

Que das luzernas avermelha o brilho.  
 Em sangue a se banhar.  
 Tinir de ferros... estalar de açoite...  
 Legiões de homens negros como a noite,  
 Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas  
 Magras crianças, cujas bocas pretas  
 Rega o sangue das mães:  
 Outras moças, mas nuas e espantadas,  
 No turbilhão de espectros arrastadas,  
 Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...  
 E da ronda fantástica a serpente  
 Faz doudas espirais ...  
 Se o velho arqueja, se no chão resvala,  
 Ouvem-se gritos... o chicote estala.  
 E voam mais e mais...

Presas nos elos de uma só cadeia,  
 A multidão faminta cambaleia,  
 E chora e dança ali!  
 Um de raiva delira, outro enlouquece,  
 Outro, que martírios embrutece,  
 Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,  
 E após fitando o céu que se desdobra,  
 Tão puro sobre o mar,  
 Diz do fumo entre os densos nevoeiros:  
 "Vibrai riço o chicote, marinheiros!  
 Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .  
 E da ronda fantástica a serpente  
     Faz doudas espirais...  
 Qual um sonho dantesco as sombras voam!...  
 Gritos, ais, maldições, preces ressoam!  
     E ri-se Satanás!...

## V

Senhor Deus dos desgraçados!  
 Dizei-me vós, Senhor Deus!  
 Se é loucura... se é verdade  
 Tanto horror perante os céus?!  
 Ó mar, por que não apagas  
 Co'a esponja de tuas vagas

De teu manto este borrão?...  
 Astros! noites! tempestades!  
 Rolai das imensidades!  
 Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados  
 Que não encontram em vós  
 Mais que o rir calmo da turba  
 Que excita a fúria do algoz?  
 Quem são? Se a estrela se cala,  
 Se a vaga à pressa resvala  
 Como um cúmplice fugaz,  
 Perante a noite confusa...  
 Dize-o tu, severa Musa,  
 Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,  
 Onde a terra esposa a luz.  
 Onde vive em campo aberto  
 A tribo dos homens nus...  
 São os guerreiros ousados  
 Que com os tigres mosqueados  
 Combatem na solidão.  
 Ontem simples, fortes, bravos.  
 Hoje míseros escravos,  
 Sem luz, sem ar, sem razão. . .

São mulheres desgraçadas,  
 Como Agar o foi também.  
 Que sedentas, alquebradas,  
 De longe... bem longe vêm...  
 Trazendo com túbios passos,  
 Filhos e algemas nos braços,  
 N'alma — lágrimas e fel...  
 Como Agar sofrendo tanto,  
 Que nem o leite de pranto  
 Têm que dar para Ismael.

Lá nas areias infindas,  
 Das palmeiras no país,  
 Nasceram crianças lindas,  
 Viveram moças gentis...  
 Passa um dia a caravana,  
 Quando a virgem na cabana  
 Cisma da noite nos véus ...  
 ... Adeus, ó choça do monte,  
 ... Adeus, palmeiras da fonte!...  
 ... Adeus, amores... adeus!...

Depois, o areal extenso...  
 Depois, o oceano de pó.  
 Depois no horizonte imenso  
 Desertos... desertos só...  
 E a fome, o cansaço, a sede...  
 Ai! quanto infeliz que cede,  
 E cai p'ra não mais s'erguer!...  
 Vaga um lugar na cadeia,  
 Mas o chagal sobre a areia  
 Acha um corpo que roer.

Ontem a Serra Leoa,  
 A guerra, a caça ao leão,  
 O sono dormido à toa  
 Sob as tendas d'amplidão!  
 Hoje... o porão negro, fundo,  
 Infecto, apertado, imundo,  
 Tendo a peste por jaguar...  
 E o sono sempre cortado  
 Pelo arranco de um finado,  
 E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,  
 A vontade por poder...  
 Hoje... cúm'lo de maldade,  
 Nem são livres p'ra morrer. .  
 Prende-os a mesma corrente  
 — Férrea, lúgubre serpente —  
 Nas roscas da escravidão.  
 E assim zombando da morte,  
 Dança a lúgubre coorte  
 Ao som do açoute... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!  
 Dizei-me vós, Senhor Deus,  
 Se eu deliro... ou se é verdade  
 Tanto horror perante os céus?!...  
 Ó mar, por que não apagas  
 Co'a esponja de tuas vagas  
 Do teu manto este borrão?  
 Astros! noites! tempestades!  
 Rolai das imensidades!  
 Varrei os mares, tufão! ...

## VI

Existe um povo que a bandeira empresta

P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...  
E deixa-a transformar-se nessa festa  
Em manto impuro de bacante fria!...  
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,  
Que impudente na gávea tripudia?  
Silêncio. Musa... chora, e chora tanto  
Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...

Auriverde pendão de minha terra,  
Que a brisa do Brasil beija e balança,  
Estandarte que a luz do sol encerra  
E as promessas divinas da esperança...  
Tu que, da liberdade após a guerra,  
Foste hasteado dos heróis na lança  
Antes te houvessem roto na batalha,  
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!  
Extingue nesta hora o brigue imundo  
O trilho que Colombo abriu nas vagas,  
Como um íris no pélagos profundo!  
Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga  
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!  
Andrada! arranca esse pendão dos ares!  
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

**NAVIO NEGREIRO - SLIM RIMOGRAFIA (2011)**

Somos sonhos, somos luta  
Fomos mão de obra barata  
Somos arte, somos cultura  
Somos ouro e somos prata  
Somos índios, Somos negros  
Somos brancos, somos afrodescendentes  
Somos raça, somos povo  
Somos tribo, somos gente  
Somos sonhos, somos luta  
Fomos mão de obra barata  
Somos arte, somos cultura

Estamos em pleno mar, embarcações de ferro e aço  
Onde pessoas disputam palmo a palmo por um espaço  
Nesse imenso rio negro de piche e asfalto  
Cristo observa tudo calado de braços abertos lá do alto  
Onde a lei do silêncio impede que ecoe o grito do morro  
Dos poetas em barracos sem forro, que clamam por socorro  
Homens de pele escura, sem sobrenome importante  
Filhos de reis e rainhas de uma terra tão distante



O mar separa o Brasil da África  
 Um rio separa as periferias das mansões de magnatas  
 Uniformes diferenciam funcionários de patrões  
 A cor denuncia vítimas antigas de explorações  
 Trazidos em porões e navios negreiros  
 Tratados como animais, vendidos a fazendeiros  
 Vivendo em cativeiros  
 Negociados como mercadoria  
 Enriquecendo a classe nobre, hoje chamada burguesia  
 Deixou pra trás dialetos e crença  
 Caçados, mortos e açoitados quem tentou resistência  
 Tratados como gado, sem direito à educação  
 Emudeceram seus tambores, amaldiçoaram sua religião  
 Alguns morreram de fome, de cede, de frio  
 Corpo magro, cheio de marcas e o estômago vazio  
 Me diz: quem são os heróis e quem são os bandidos?  
 Quem merece honra, quem merece ser punido?  
 Quem lutou por liberdade, na história foi esquecido  
 Sem status, sem monumentos, só barracos foram erguidos

Somos sonhos, somos luta  
 Fomos mão de obra barata  
 Somos arte, somos cultura  
 Somos ouro e somos prata  
 Somos índios, Somos negros  
 Somos brancos, somos afrodescendentes  
 Somos raça, somos povo  
 Somos tribo, somos gente  
 Somos sonhos, somos luta  
 Fomos mão de obra barata  
 Somos arte, somos cultura

Fomos tratados como nada, trazidos como bicho  
 Oprimidos e usados, dispensados como lixo  
 Temos muito que mudar, a história não acabou  
 Por cada vida que por liberdade, como Cristo, se sacrificou  
 Bisavós cuja a voz foi silenciada  
 E por nós sua luta não pode ser abandonada  
 O navio hoje é barca sem vela, só sirene  
 Navegando na estrada, hoje volante, ontem lemes  
 O porão é chiqueiro de camburão  
 Os chicotes e açoites trocados por cacetete e oitão  
 Senzala virou presídio, Quilombo é favela  
 Heróis: Malcolm X, Luther King, Zumbi e Mandela  
 Escravidão ainda existe em cada olhar triste nas esquinas  
 Nos becos e vielas, nos sonhos em ruínas  
 No esgoto a céu aberto, na criança desnutrida

Nas mãos que pedem esmola nas ruas e avenidas  
 Herdeiros da miséria dos escravos trazidos em navios  
 Soldados do breu em busca do brio  
 Filhos da pátria amada, idolatrada mãe gentil  
 Onde tu estavas que tamanha atrocidade não viu

Negras mulheres, suspendendo às tetas  
 Magras crianças, cujas bocas pretas  
 Rega o sangue das mães  
 Outras, moças, mas nuas e espantadas  
 No turbilhão de espectros arrastadas

Somos sonhos, somos luta  
 Fomos mão de obra barata  
 Somos arte, somos cultura  
 Somos ouro e somos prata  
 Somos índios, Somos negros  
 Somos brancos, somos afrodescendentes  
 Somos raça, somos povo  
 Somos tribo, somos gente  
 Somos sonhos, somos luta  
 Fomos mão de obra barata  
 Somos arte, somos cultura

Tem um pouco de navio negreiro embaixo de cada viaduto  
 Em cada lágrima derramada, em cada mãe que veste luto  
 Tem um pouco de navio negreiro em cada mão que pede esmola  
 Em cada beco e viela, em cada criança longe da escola  
 Tem um pouco de navio negreiro na viola, no pandeiro  
 No atabaque, no cordel, na enxada e no tempeiro  
 Tem um pouco de navio negreiro na igreja, no terreiro  
 No santo, no orixá, na benzedeira e no obreiro  
 Tem um pouco de navio negreiro no crucifixo, no patuá  
 Na mulata, no crioulo e na cumbuca de Munguzá  
 Tem um pouco de navio negreiro na música, na poesia  
 Na dança, nas artes e em cada panela vazia  
 Tem um pouco de navio negreiro no futebol, no carnaval  
 No azeite de dendê, no acarajé e no código penal  
 Tem um pouco de navio negreiro no reflexo do espelho  
 Dos que lutaram e morreram pra não viver de joelho  
 Tem um pouco de navio negreiro em cada conquista, em cada vitória  
 Na pele, na memória, na minha e na sua história  
 Tem um pouco de navio negreiro

Somos sonhos, somos luta  
Fomos mão de obra barata  
Somos arte, somos cultura  
Somos ouro e somos prata  
Somos índios, Somos negros  
Somos brancos, somos afrodescendentes  
Somos raça, somos povo  
Somos tribo, somos gente  
Somos sonhos, somos luta  
Fomos mão de obra barata  
Somos arte, somos cultura